

Adriano Mesquita Soares  
(Organizador)

# Teologia e Ciência:

rumo a uma visão integrada do mundo  
Vol. 2



**AYA EDITORA**

**2024**

**Adriano Mesquita Soares**  
(Organizador)

**Teologia e Ciência: rumo  
a uma visão integrada do  
mundo**

**Vol. 2**

**Ponta Grossa**  
**2024**

---

## **Direção Editorial**

Prof.º Dr. Adriano Mesquita Soares

## **Organizador**

Prof.º Dr. Adriano Mesquita Soares

## **Capa**

AYA Editora©

## **Revisão**

Os Autores

## **Executiva de Negócios**

Ana Lucia Ribeiro Soares

## **Produção Editorial**

AYA Editora©

## **Imagens de Capa**

br.freepik.com

## **Área do Conhecimento**

Ciências Humanas

---

## **Conselho Editorial**

Prof.º Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva

*Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí*

Prof.º Dr. Aknaton Toczec Souza

*Centro Universitário Santa Amélia*

Prof.ª Dr.ª Andréa Haddad Barbosa

*Universidade Estadual de Londrina*

Prof.ª Dr.ª Andreia Antunes da Luz

*Faculdade Sagrada Família*

Prof.º Dr. Argemiro Midonês Bastos

*Instituto Federal do Amapá*

Prof.º Dr. Carlos López Noriega

*Universidade São Judas Tadeu e Lab. Biomecatrônica - Poli - USP*

Prof.º Dr. Clécio Danilo Dias da Silva

*Centro Universitário FACEX*

Prof.ª Dr.ª Daiane Maria De Genaro Chirolí

*Universidade Tecnológica Federal do Paraná*

Prof.ª Dr.ª Danyelle Andrade Mota

*Universidade Federal de Sergipe*

Prof.ª Dr.ª Déborah Aparecida Souza dos Reis

*Universidade do Estado de Minas Gerais*

Prof.ª Ma. Denise Pereira

*Faculdade Sudoeste – FASU*

Prof.ª Dr.ª Eliana Leal Ferreira Hellvig

*Universidade Federal do Paraná*

Prof.º Dr. Emerson Monteiro dos Santos

*Universidade Federal do Amapá*

Prof.º Dr. Fabio José Antonio da Silva

*Universidade Estadual de Londrina*

Prof.º Dr. Gilberto Zammar

*Universidade Tecnológica Federal do Paraná*

Prof.ª Dr.ª Helenadja Santos Mota

*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, IF Baiano - Campus Valença*

Prof.ª Dr.ª Heloísa Thaís Rodrigues de Souza

*Universidade Federal de Sergipe*

Prof.ª Dr.ª Ingridi Vargas Bortolaso

*Universidade de Santa Cruz do Sul*

Prof.ª Ma. Jaqueline Fonseca Rodrigues

*Faculdade Sagrada Família*

Prof.ª Dr.ª Jéssyka Maria Nunes Galvão

*Faculdade Santa Helena*

Prof.º Dr. João Luiz Kovaleski

*Universidade Tecnológica Federal do Paraná*

Prof.º Dr. João Paulo Roberti Junior

*Universidade Federal de Roraima*

Prof.º Me. Jorge Soistak

*Faculdade Sagrada Família*

Prof.º Dr. José Enildo Elias Bezerra

*Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará, Campus Ubajara*

Prof.ª Dr.ª Karen Fernanda Bortoloti

*Universidade Federal do Paraná*

Prof.ª Dr.ª Leozenir Mendes Betim

*Faculdade Sagrada Família e Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais*

Prof.ª Ma. Lucimara Glap

*Faculdade Santana*

---

---

**Prof.º Dr. Luiz Flávio Arreguy Maia-Filho**

*Universidade Federal Rural de Pernambuco*

**Prof.º Me. Luiz Henrique Domingues**

*Universidade Norte do Paraná*

**Prof.º Dr. Milson dos Santos Barbosa**

*Instituto de Tecnologia e Pesquisa, ITP*

**Prof.º Dr. Myller Augusto Santos Gomes**

*Universidade Estadual do Centro-Oeste*

**Prof.ª Dr.ª Pauline Balabuch**

*Faculdade Sagrada Família*

**Prof.º Dr. Pedro Fauth Manhães Miranda**

*Universidade Estadual de Ponta Grossa*

**Prof.º Dr. Rafael da Silva Fernandes**

*Universidade Federal Rural da Amazônia, Campus Parauapebas*

**Prof.ª Dr.ª Regina Negri Pagani**

*Universidade Tecnológica Federal do Paraná*

**Prof.º Dr. Ricardo dos Santos Pereira**

*Instituto Federal do Acre*

**Prof.ª Ma. Rosângela de França Bail**

*Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais*

**Prof.º Dr. Rudy de Barros Ahrens**

*Faculdade Sagrada Família*

**Prof.º Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares**

*Universidade Federal do Piauí*

**Prof.ª Dr.ª Silvia Aparecida Medeiros  
Rodrigues**

*Faculdade Sagrada Família*

**Prof.ª Dr.ª Silvia Gaia**

*Universidade Tecnológica Federal do Paraná*

**Prof.ª Dr.ª Sueli de Fátima de Oliveira  
Miranda Santos**

*Universidade Tecnológica Federal do Paraná*

**Prof.ª Dr.ª Thaisa Rodrigues**

*Instituto Federal de Santa Catarina*

---

© 2024 - **AYA Editora** - O conteúdo deste Livro foi enviado pelos autores para publicação de acesso aberto, sob os termos e condições da Licença de Atribuição *Creative Commons* 4.0 Internacional (**CC BY 4.0**). Este livro, incluindo todas as ilustrações, informações e opiniões nele contidas, é resultado da criação intelectual exclusiva dos autores. Os autores detêm total responsabilidade pelo conteúdo apresentado, o qual reflete única e inteiramente a sua perspectiva e interpretação pessoal. É importante salientar que o conteúdo deste livro não representa, necessariamente, a visão ou opinião da editora. A função da editora foi estritamente técnica, limitando-se ao serviço de diagramação e registro da obra, sem qualquer influência sobre o conteúdo apresentado ou opiniões expressas. Portanto, quaisquer questionamentos, interpretações ou inferências decorrentes do conteúdo deste livro, devem ser direcionados exclusivamente aos autores.

---

T3142 Teologia e ciência: rumo a uma visão integrada do mundo [recurso eletrônico]. / Adriano Mesquita Soares (organizador) -- Ponta Grossa: Aya, 2023. 65 p.

v. 2

Inclui biografia

Inclui índice

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN: 978-65-5379-466-5

DOI: 10.47573/aya.5379.2.284

1. Teologia. 2. Pluralismo religioso – Brasil. 3. Física - Aspectos religiosos. I. Soares, Adriano Mesquita. II. Título

CDD: 210

---

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Bruna Cristina Bonini - CRB 9/1347

---

## **International Scientific Journals Publicações de Periódicos e Editora LTDA**

### **AYA Editora©**

CNPJ: 36.140.631/0001-53

Fone: +55 42 3086-3131

WhatsApp: +55 42 99906-0630

E-mail: contato@ayaeditora.com.br

Site: <https://ayaeditora.com.br>

Endereço: Rua João Rabello Coutinho, 557

Ponta Grossa - Paraná - Brasil

84.071-150

# SUMÁRIO

Apresentação..... 8

## 01

**Uma análise comparativa entre o Moisés bíblico descrito no antigo testamento e o Moisés-cão do filme Dogville de Lars von Trier..... 9**

Flávia Bastos Pimenta Souza  
Jackson de Souza Santos

DOI: 10.47573/aya.5379.2.284.1

## 02

**Física: sua relevância e conexões com a ciência e a religião sob a ótica cristã na contemporaneidade..... 23**

João Mario Ribeiro Junior

DOI: 10.47573/aya.5379.2.284.2

## 03

**Reflexões Teológicas sobre a Diversidade Religiosa, Milagres e Esperanças ..... 34**

Guilherme Afonso Pereira Palacios

DOI: 10.47573/aya.5379.2.284.3

# 04

**Uma reflexão eclesiológica: promessas àqueles que desempenharem bem o diaconato ..... 47**

Flávia Bastos Pimenta Souza

Jackson de Souza Santos

DOI: 10.47573/aya.5379.2.284.4

**Organizador..... 60**

**Índice Remissivo..... 61**

---

# Apresentação

---

“Teologia e Ciência: rumo a uma visão integrada do mundo - Vol. 2” representa um esforço contínuo para explorar as intersecções entre fé e razão, espiritualidade e ciência. Este volume, enriquecido por uma variedade de perspectivas, busca não apenas aprofundar o diálogo entre essas áreas, mas também expandir nossa compreensão de como esses campos podem se entrelaçar de maneiras inesperadas e instrutivas. Os títulos dos capítulos refletem a amplitude e a profundidade dessa exploração, abrangendo desde análises comparativas entre figuras bíblicas e contemporâneas até reflexões sobre o papel da ciência na compreensão religiosa.

O primeiro capítulo, “Uma análise comparativa entre o Moisés bíblico descrito no Antigo Testamento e o Moisés-cão do filme Dogville de Lars von Trier”, inaugura a discussão com uma abordagem inovadora, entrelaçando teologia e arte cinematográfica para revelar novas dimensões da figura de Moisés. Esse capítulo desafia os leitores a considerar as representações de liderança, liberdade e moralidade sob uma luz completamente nova, pontuando a relevância contínua de figuras bíblicas na cultura popular e no pensamento contemporâneo.

Seguindo, o capítulo sobre “Física: sua relevância e conexões com a ciência e a religião sob a ótica cristã na contemporaneidade” aborda como os princípios e descobertas da física podem iluminar e ser iluminados por conceitos teológicos. Ao fazer isso, o livro demonstra a importância de uma abordagem interdisciplinar que respeita tanto a autonomia quanto a interconexão desses campos de estudo, oferecendo insights significativos para questões de fé, existência e o universo.

As “Reflexões Teológicas sobre a Diversidade Religiosa, Milagres e Esperanças” expandem ainda mais o escopo da discussão, convidando os leitores a explorar a riqueza e os desafios apresentados pela diversidade religiosa. Este capítulo enfatiza a necessidade de diálogo e compreensão mútua em um mundo cada vez mais pluralista, destacando os conceitos de milagres e esperança como pontos de encontro potenciais entre diferentes tradições de fé.

Por fim, “Uma reflexão eclesiológica: promessas àqueles que desempenharem bem o diaconato” traz uma análise prática e profunda do papel do diaconato na igreja. Este capítulo não apenas reflete sobre as responsabilidades e desafios enfrentados pelos diáconos, mas também sobre como essas experiências se conectam a questões mais amplas de serviço, comunidade e espiritualidade.

“Teologia e Ciência: rumo a uma visão integrada do mundo - Vol. 2” é uma obra que desafia as fronteiras convencionais do conhecimento, incentivando um diálogo construtivo que pode iluminar tanto nossa compreensão científica quanto nossa busca espiritual. Este livro é um convite para acadêmicos, estudantes e leitores em geral a explorarem as possibilidades que surgem quando abordamos questões de grande envergadura com uma mente aberta à interdisciplinaridade. Boa leitura!

## Uma análise comparativa entre o Moisés bíblico descrito no antigo testamento e o Moisés-cão do filme Dogville de Lars von trier

**Flávia Bastos Pimenta Souza**

*Mestranda em Educação, Arte e História da Cultura – Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM – São Paulo – SP (2022 – 2024); Pós-Graduada em Psicologia Escolar (FARO/2007); Licenciada em Artes Visuais (UNIASSELVI/2014); Licenciada em Pedagogia (UNIR/2006)*

**Jackson de Souza Santos**

*Doutorando em Educação, Arte e História da Cultura – Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM – São Paulo – SP (2024-2027); Doutor em Ministério (RTS e CPAJ/2018); Mestre em Educação, Arte e História da Cultura – Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM – São Paulo – SP (2023); Pós-Graduado em Supervisão Escolar (FACUMINAS/2023); Pós-Graduado em Gestão Escolar (FACUMINAS/2024); Pós-Graduado em Psicologia Escolar (FARO/2007); Bacharel em Teologia (SPNB/2010) e Licenciado em Pedagogia (UNIR/2006)*

### RESUMO

Esta suscinta pesquisa objetiva apresentar uma análise comparativa entre o Moisés bíblico descrito no Antigo Testamento e o Moisés-cão, desenhado a giz no chão, do filme Dogville de Lars Von Trier (2003). Traz como hipótese principal a pressuposição de que o autor de Dogville tenha, propositalmente, denominado o cachorro Moisés como uma referência ao Moisés, profeta Bíblico do Antigo Testamento. O presente estudo utiliza-se da metodologia ordinária de investigação bibliográfica nas mais distintas publicações e postagens contemporâneas sobre o assunto. O ensaio pretende contribuir com a atualização da bibliografia e com as futuras pesquisas.

**Palavras-chave:** Dogville; Moisés bíblico; mansidão; Moisés-cão; ferocidade.

### ABSTRACT

This research aims to present a comparative analysis between the biblical Moses described in the Old Testament and the Moses-dog, drawn in chalk on the ground, from the film Dogville by Lars Von Trier (2003). It brings as its main hypothesis the assumption that the author of Dogville has purposely named the dog Moses as a reference to Moses, the biblical prophet of the Old Testament. This article uses the ordinary methodology of bibliographic research in the most distinct publications and contemporary posts on the subject. The essay aims to contribute to the updating of the bibliography and to future research.



**Keywords:** Dogville; Biblical Moses; meekness; Moses-dog; ferocity.

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa bibliográfica é uma tentativa de comparar as características do Moisés bíblico, conforme descrito no Pentateuco<sup>1</sup>, com o cão Moisés, desenhado a giz no chão da pequena cidade Dogville (Cidade de Cão) no filme de Lars Von Trier (2003). Tem-se como pressuposição básica a ideia de que Von Trier, de modo intencional, colocou o nome do guardião da Cidade de Cão (Dogville), o cachorro Moisés, fazendo assim uma alusão clara ao profeta bíblico do Antigo Testamento, Moisés.

Dessa forma, por meio da investigação bibliográfica, tal hipótese será verificada no intuito de contribuir com estudiosos que buscam compreender esse fenômeno. Acredita-se, primariamente, que a dinâmica necessária para encontrar os elementos que podem corroborar na verificação da pressuposição, descrita anteriormente, é tarefa complexa e árdua; Ainda assim, este ensaio acadêmico aceita o desafio e, ao final, almeja ser uma ferramenta útil aos pesquisadores que se interessam por igual assunto.

O filme Dogville de Lars Von Trier (2003) tem como personagem central a Grace<sup>2</sup>, que em fuga de sua antiga vida, encontra uma pequena cidade americana, perdida entre as montanhas, com poucos habitantes e cheia de curiosidades. Antônio Roberto Gerin observa que Dogville é uma cidade minúscula, quase invisível e muito peculiar. Para o pesquisador, a ausência de alguns elementos comuns de qualquer cidade, marcam profundamente a trama cinematográfica. Gerin (2019, n.p.) Explica que:

Dogville, direção de Lars Von Trier, Dinamarca/Suécia/EUA (2003), quebra com alguns paradigmas a que estamos acostumados quando se trata de concepção de cenários – interiores e exteriores. Dogville é uma cidade. Até aí tudo bem. Só que é uma cidade desse tamanho, minúscula. E, evidente, há habitantes. Contam-se nos dedos. Quinze adultos. Tirando-se aí as sete crianças. Uma cidade quase invisível, perdida nas montanhas, em algum lugar nos Estados Unidos. Não tem xerife, não tem prefeitura, hospital, escola, no máximo uma igreja, representada cenicamente apenas pelo topo do campanário. Portanto, há só casas. Poucas. Sem paredes. Sim, as casas não têm paredes. As paredes são traçadas a giz. As portas existem apenas na sonoplastia, quando os trincos são abertos ou fechados. Até o cachorro, Moisés, é desenhado a giz e só vive na sonoplastia de seus latidos. E as casas não têm teto.

A figura inusitada do cachorro Moisés, dentro do filme Dogville, é descrita por Gerin como: “desenhado a giz e só vive na sonoplastia de seus latidos”. Certo é que o próprio nome designativo do filme (Dogville – Cidade de Cão), tendo mais que um único significado, por óbvio, permite a dedução que a presença de Moisés, o cão, é extremamente importante para a compreensão da obra. Tanto o cão Moisés quanto a atitude dos habitantes de Dogville trazem entrelaçadas semelhantes de imaginários na compreensão da obra de Von Trier.

O professor e pesquisador Paulo Roberto Monteiro Araújo faz uma relevante análise de Dogville, quanto as narrativas de temporalidades presentes na produção. Para o professor e pesquisador, a chegada de Grace em Dogville tendo, como símbolo de sua

<sup>1</sup> 5 (cinco) Primeiros livros bíblicos (Gênesis, Êxodo, Levíticos, Números e Deuteronômio).

<sup>2</sup> Em português: Graça (Favor imerecido).

receptividade, o rosnado de Moisés (o cão), em resposta a tentativa de tirar-lhe o osso, tal fato, estabelece como possibilidade interpretativa o “poder” presente na figura do pai de Grace. Tal poder, será revelado em Grace, na conclusão do filme, como sendo parte integrante e instintiva de sua própria personalidade. Araújo (2023, p. 01-02) esclarece, ainda, que:

É se lançando em seus instintos que Grace procura compreender a si mesma numa temporalidade existencial cuja determinação está no deixar-se de si mesmo no mundo instintivo da convivência. O início do processo do deixar-se de si mesmo de Grace começa, no filme, com a tentativa de pegar o osso de Moisés, o cão, que expressa ao mesmo tempo os verdadeiros instintos da cidade (daí Dogville, ou cidade de cão) bem como os instintos da figura paterna de Grace, cujo cerne significativo é o daquele que guarda a sabedoria instintiva, e que por isso mesmo enquanto expressão canina rosna para filha, para dizer que ainda não é o momento de ela pegar para si o osso instintivo que ele guarda (que vai se mostrar no final do filme como Poder).

Com base no exposto por Araújo é possível presumir que Moisés, o cachorro quanto late ou rosna, traz consigo o alerta da chegada de gente estranha à pacata vila. O cachorro Moisés é o guardião, não visível, de Dogville. Ele é o defensor que sinaliza os perigos. Paulo Roberto Monteiro Araújo admite que os pais exercem função semelhante: que é a de proteger e alertar os filhos dos perigos. A figura do pai de Grace se revela na produção cinematográfica como um “cão” rosnando, de acordo com o pesquisador.

Quando se analise Dogville na cosmovisão do imaginário instintivo, percebe-se logo que as interpretações conduzem o investigador por múltiplos caminhos. Como exemplo, fica mais que evidente que os verdadeiros instintos dos habitantes de Dogville são comparáveis aos instintos caninos, que embora pareçam amigáveis, em primeira vista, podem revelar-se ferozes, a depender do humor, tempo ou provocação.

Buscando outros significados para o “cachorro Moisés” presente em Dogville, e, levando em consideração o seu nome, chega-se a percepção de semelhanças existentes entre ele e o Moisés bíblico descrito no Antigo Testamento como o “grande profeta” e “libertador” do povo hebreu. Tendo como significado de seu nome: “Tirado das águas”, em seu ofício profético, Moisés tem a responsabilidade de advertir, hebreus, bem como os gentios, quanto aquelas atitudes que desagradam ao Deus dos Céus.

As Escrituras Sagradas apresentam o profeta Moisés como uma figura repleta de temores, dúvidas, pecados, mas também cheia de “poder”. Tal qual o cachorro Moisés para Dogville, o profeta Moisés foi o maior sinalizador dos perigos que rondavam a nação israelita, incluindo o alerta de perigo contra os povos estrangeiros e deuses estranhos.

Há, entretanto, uma característica do profeta Moisés que deve ser considerada neste trabalho como sendo de especial importância, quando se busca fazer o paralelo já destacado; trata-se da mansidão de Moisés, conforme narrado no livro do Antigo Testamento, presente no Pentateuco, chamado de Números, em seu capítulo doze e versículo três, onde se diz: “E era o homem Moisés mui manso, mais do que todos os homens que havia sobre a terra (Números 12:3 – ARA).”

Estudando o contexto da passagem, vê-se esta referência a Moisés como homem mais manso da terra é, provavelmente, uma inserção complementar escrita por Josué após a morte de Moisés. O termo original aqui, no hebraico é “*ānāw*” que significa tanto manso

como humilde. A mansidão e humildade de Moisés consistia em sua confiança plena em Deus como seu Senhor. Quando sob afronta ou ameaça, Moisés dependia de Deus e nele confiava como seu Juiz. Geraldo Barbosa (2023, n.p.) assegura que:

Este episódio aconteceu, quando Miriã e Arão falaram contra Moisés por ele ter se casado com uma mulher etíope (cuxita); o que não era nem moral nem legalmente errado. A queixa de Miriã e Arão era um pretexto fingido para encobrir a inveja que nutriam devido à autoridade de Moisés. Isto fica claro quando questionam dizendo: Porventura, falou o SENHOR somente por Moisés? Não falou também por nós? E o SENHOR ouviu isso (Num. 12.1,2). Deus saiu em defesa de Moisés e condenou a atitude de Miriã e Arão por terem criticado Moisés por haver casado com uma mulher cuxita. Embora Miriã e Arão fossem líderes de Israel, não tinham o direito de contestar a vida particular de Moisés nem a sua autoridade. O próprio Deus deu testemunho da autoridade de Moisés, mostrando para Miriã e Arão que Moisés era um profeta especial e diferenciado (leia vv.4-8). O pecado de Miriã e Arão ao criticarem Moisés foi falta de temor de Deus e desacato à sua palavra através do seu profeta Moisés. Moisés foi mediador do antigo concerto, assim como Jesus é o mediador do novo ( Hb.3.2-6). Deus falava diretamente com Moisés (v.8), e daí, a palavra que Moisés transmitia ao povo era a palavra autêntica de Deus.

Numa visão panorâmica sobre o contexto que envolvem as narrativas acima descritas, das invejas, das afrontas, das oposições e das críticas contra o profeta Moisés, vale ratificar que suas atitudes responsivas o caracterizam como homem manso e humilde. Contudo, em passagens bíblicas anteriores encontramos episódios que descrevem o profeta Moisés como um homem de atitudes, extremamente, opostas à mansidão.

A exemplo de atitudes violentas do profeta Moisés, evidenciam as narrativas descritas em Êxodo 2:11-12 quando ele matou um egípcio porque espancava um hebreu, e o enterrou na areia. No mesmo capítulo 2 do livro de Êxodo, versículos 15 a 22 apresenta Moisés lutando para defender as filhas de um sacerdote de Midiã que tentavam dar água aos seus rebanhos e eram enxotadas por pastores locais. Entre tantas passagens bíblicas que imprimem no profeta Moisés atitudes opostas a mansidão e humildade destaco a seguinte:

Logo que se aproximou do arraial, viu ele o bezerro e as danças; então, acendendo-se-lhe a ira, arrojou das mãos as tábuas e quebrou-as ao pé do monte. E pegando no bezerro que tinham feito, queimou-o, e o reduziu a pó, que espalhou sobre a água, e deu de beber aos filhos de Israel. Depois, perguntou Moisés a Arão: Que te fez este povo, que trouxeste sobre ele tamanho pecado? Respondeu-lhe Arão: Não se acenda a ira do meu senhor; tu sabes que o povo é propenso para o mal (Êxodo 32:19-22 – ARA).

Evidente que sem conhecer o contexto da passagem bíblica supracitada, facilmente se concluiria que há uma contradição nos traços característicos do profeta Moisés, da forma como aparece no texto do Antigo Testamento. Alguém, facilmente, diria que tal profeta, ou é uma pessoa mansa, ou é uma pessoa irascível. Seria impossível ter na mesma pessoa ambas as características? Certamente, não é tarefa fácil a compreensão dessa hipotética divergência. Contudo, no decorrer desta pesquisa pretende-se esclarecer este aparente contraste nos predicados do profeta Moisés.

## O MOISÉS BÍBLICO – PROFETA DOS HEBREUS

Inúmeros estudiosos, ao longo de cerca de 3.500 anos têm se debruçado em pesquisas sobre a vida e obra do profeta Moisés (Tirado das águas). A mais completa narrativa sobre sua vida encontra-se em suas próprias obras, a saber, todos os escritos aos

quais lhe reputam a autoria. Tais escritos formam o pentateuco, ou seja, os cinco primeiros livros da Bíblia Sagrada. Sellin & Fohrer em sua obra “Introdução ao Antigo Testamento” descrevem que:

Os cinco primeiros livros do Antigo Testamento, por causa da “instrução” ou da “Lei” neles contida, como fundamento obrigatório da vida e do comportamento, receberam no judaísmo o nome complexo de *Torah*, a Lei, que aparece também sob formas compostas como: *hattôrá*, “A Lei”; *tôrat-moseh*, “A Lei de Moisés”; *sepêr hattôrá*, “O Livro da Lei”, e *sepêr tôrat moseh*, “O Livro da Lei de Moisés”. Se originalmente estes nomes foram empregados, ao que parece, para designar apenas os livros jurídicos ou o conjunto de leis dentro destes cinco livros, como podem sugerir as referências do Antigo Testamento (Sellin & Fohrer, 1977, p. 132).

Os autores admitem que são o próprio povo hebreu quem atestam ser a *Torah* de autoria do profeta Moisés; Isto se evidencia no fato de terem designado o Pentateuco de *sepêr tôrat moseh*, “O Livro da Lei de Moisés”. Sellin & Fohrer asseguram que a opinião de que Moisés seja o autor do Pentateuco estão fundamentadas em todos os estudos antigos, também, na tradição judaica, na tradição cristã, na patrística, além de ser cancelado por toda a Escritura Sagrada, do Antigo e Novo Testamento.

Extintas as dúvidas quanto a autoria dos cinco livros bíblicos que são reputados como sendo escritos por Moisés, cabe ponderar sobre a pessoa do profeta, seu chamado, suas características peculiares, bem como o detalhamento de seus ofícios profético, sacerdotal e liderança. Sellin & Fohrer (1997, p. 164) explicam que:

Em linha de princípio, o que se passa com a tradição de Moisés, não é diferente daquilo que ocorre com a tradição dos patriarcas. Há um paralelo entre a conexão dos elementos teofania, oráculos salvífico, culto, função de chefia, e o núcleo das narrativas em torno dos patriarcas. Semelhantemente aos pais, Moisés aparece como o destinatário de uma revelação, como chefe e fundador carismático de um grupo que vive em condições primitivas e que, para simplificarmos, chamaremos de grupo de Moisés. Neste chefe e fundador se encontram ainda unidas todas aquelas funções, mesmo as sacerdotais e proféticas.

A teologia denomina este fenômeno de “tríplice ofício” (profeta, sacerdote e rei). Jesus Cristo, o messias, recebe pelas Escrituras Sagradas designação semelhante. Apóstolos e demais escritores do Novo Testamento atribuem ao Filho de Deus as mesmas características do tríplice ofício. Neste sentido, se diz que Moisés é um Tipo de Cristo no Antigo Testamento. Assim, o nazareno Jesus Cristo, ao ser encarnado tornou-se o antítipo de Moisés no Novo Testamento. Assim como Moisés é chamado para salvar o povo hebreu da escravidão do Egito, Jesus Cristo é chamado de salvador da sua igreja. Ralph L. Smith em sua obra “Teologia do Antigo Testamento”, quando fala do Deus que Salva, argumenta:

Começaremos esta discussão da perspectiva veterotestamentária de Deus com o tema do Deus que salva porque Israel conheceu a Deus como salvador antes de conhecê-lo como Senhor. O êxodo (salvação) precede a aliança entre Javé e Israel no Sinal (Lei). Israel também conheceu Javé como salvador antes de conhecê-lo como criador. A história de Israel começou com a ação salvadora de Deus motivada pela compaixão. Javé era Deus de Israel desde a terra do Egito (Smith, 2001, p. 158).

Smith faz uma clara alusão a Moisés quando fala da salvação que ocorreu na terra do Egito, além de mencionar o êxodo dos hebreus do Egito até Canaã como sendo parte do processo de demonstração da misericórdia de Deus para com o seu povo. A compaixão de Moisés no cumprimento do seu chamado em libertar os hebreus e caminhar junto deles por 40 anos, diz muito a respeito do seu tríplice ofício.

Retrocedendo um pouco mais na história de Moisés, descobre-se que ele é descendente de Abraão, Isaque e Jacó, ou seja, um legítimo Israelita. Sendo um hebreu, teve como bisavô paterno a Levi, como avô paterno a Coate, e seus pais se chamavam Anrão e Joquebede (Êxodo 6:20 ARA). Seu nascimento e demais narrativas que justificam seu nome (tirado das águas) estão registrados no capítulo 2 do livro de Êxodo.

Para cumprimento dos objetivos desta pesquisa, vale destacar algumas características de Moisés. Na introdução, foi possível dar início a esta tarefa no intuito de investigar uma aparente contradição entre dois aspectos dos atributos de Moisés encontrados nas Escrituras Sagradas, a saber, sua mansidão e sua ferocidade. Geraldo Barbosa ao falar dos traços característicos do profeta Moisés explica que:

Como profeta semelhante a Cristo, Moisés tinha essas virtudes. Jesus disse: Aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração (Mt.11.29). Todavia, é bom deixar claro que, mansidão não é covardia. Moisés teve seu momento de ira, quando ele desceu do monte e viu o povo na anarquia adorando um bezerro de ouro, ele lançou as tábuas da Lei, que foram despedaçadas e tomou o bezerro e queimou no fogo (Ex.32.19,20). Com Jesus não foi diferente, quando Ele chegou no Templo, na Casa de Deus e viu os cambistas e vendedores fazendo negócio, Ele irou-se, e com um chicote lançou todos fora com seus animais e virou as suas mesas e cadeiras, e disse-lhes: Está escrito: A minha casa será chamada casa de oração. Mas vós a tendes convertido em covil de ladrões (Mt.21.12,13; Jo.2.13-17). O zelo pelas coisas de Deus, pelo que é sagrado, levou tanto Moisés como Jesus a terem esta ira e confrontarem os errados. Ser manso não é ser covarde. Ser humilde não é andar mau vestido, de andar lento e cabeça baixa. Muitos confundem humildade com pobreza, acham que ser humilde é não ter riquezas, não ter casa, não ter carro, nem bastante roupas e calçados. Sabemos que isso não é verdade, pois existem muitas pessoas pobres que são soberbas e orgulhosas, que se pudessem nem pisava no chão, por sua arrogância e falta de humildade (Barbosa, 2023, s/p).

Pelos argumentos de Barbosa tanto a mansidão quanto a ferocidade tem o seu valor e o seu lugar. Moisés, tanto quanto Jesus Cristo, são figuras descritas como mansas, contudo, tenham em suas histórias aqueles episódios que os obrigaram a agirem energeticamente. Os ofícios de Moisés não são descomplicados, ao contrário, guardam alto grau de complexidade, além de serem tarefas que desgastam física e emocionalmente.

Enquanto caminhava junto ao povo hebreu, da terra do Egito para Canaã (a terra prometida), Moisés enfrentou diariamente a fúria daquela gente. A murmuração e desobediência dos israelitas durante o êxodo é algo notório em toda a narrativa bíblica, não obstante Deus ter cuidado diuturnamente deles. São inúmeros os textos bíblicos que advertem os fiéis a não imitarem a ingratidão dos seus antepassados, que “não se esqueçam dos feitos de Deus [...] que não sejam como seus pais, geração obstinada e rebelde, geração de coração inconstante” (Salmos 78.7 e 8 ARA). O texto bíblico continua advertindo:

Prodígios fez (Deus) na presença de seus pais na terra do Egito. Dividiu o mar e fê-los seguir; aprumou as águas com num dique. Guiou-os de dia com uma nuvem e durante a noite com um clarão de fogo. No deserto, fendeu rochas, e lhes deu a beber abundantemente. Deus abriu as portas dos céus; fez chover maná sobre eles, para alimentá-los, e lhes deu cereal do céu. Comeu cada qual o pão dos anjos; enviou-lhes ele comida a fartar. [...] Mas ainda assim, prosseguiram em pecar contra ele e se rebelaram, no deserto, contra o Altíssimo. Tentaram a Deus no seu coração. Falaram contra Deus. Lisonjeavam-no, porém de boca, e com a língua mentiam. [...] Quantas vezes se rebelaram contra ele no deserto e na solidão o provocaram (Salmos 78, v.12-40, ARA).

Olhando com atenção para a passagem bíblica é possível justificar as reações de indignações da parte de Deus, e também de Moisés, quando no mesmo capítulo 78 dos Salmos se encontram as expressões: “O Senhor ficou indignado” (v.21), “se elevou sobre eles a ira de Deus” (v.31), “Lançou contra eles o furor da sua ira: cólera, indignação e calamidade” (v.49) e “Então, o Senhor despertou como de um sono, como um valente que grita excitado pelo vinho” (v.65). Fato é que o grande amor demonstrado aos hebreus, pela compaixão de Deus e pelo seu profeta Moisés, tendo em retribuição tanta afronta e ingratidão da parte dos israelitas, fazem jus cada atitude de indignação e tristeza.

Neste sentido, o Moisés bíblico serviu à sua geração como protetor, como atalaia (soldado da guarita que alerta do perigo iminente), como mediador entre os hebreus e seu Deus (sacerdote) e como mensageiro entre este e aqueles (profeta). Moisés foi líder (rei) de uma nação rebelde e ingrata. Ele exercitou mansidão em detrimento as oposições e injúrias recebidas dos seus irmãos, todavia, rosou ferozmente diante de outras situações. Quando possível Moisés era manso como cordeiro, mas quando preciso era impetuoso como o mais feroz dos animais.

## O MOISÉS-CÃO - PROTETOR DE DOGVILLE

Pesquisadores, antropólogos, filósofos, psicólogos e psiquiatras investigam, desde o lançamento em 2003, os significados implícitos e explícitos contidos no filme Dogville (cidade de cão) do produtor Lars Von Trier. Os desdobramentos da trama são, extremamente, provocadores. O filme parece instigar todos os aspectos da vida em sociedade.

Cada personagem, cada figurino, cada porção cenográfica tem sua importância no particular, contudo, tem é significativo em seu contexto coletivo. Em Dogville, dos mínimos até os mais notáveis detalhes são reveladores de algum sentido proposto pelo autor. Ewerton Menezes apresenta uma importante descrição das minúcias da produção, que alguns chamam de filme teatro, que vale a pena transcrever. Menezes (2011, n.p.) explica que:

Dogville é uma pequena cidade situada entre montanhas e com um belo bosque em suas proximidades. Poucas pessoas vivem nesse encantador lugar, por isso é natural que elas se conheçam e confiem umas nas outras. Tom é um dos jovens moradores de Dogville. Certa noite, ele estranha o latido de Moisés, o cão que protege a cidade. É um latido diferente, como se ele houvesse avistado algo perigoso. Tom então encontra Grace (Nicole Kidman), perdida no meio da noite e da escuridão, fugindo de gângsters e da polícia. O jovem resolve ajudá-la, mas para escondê-la em Dogville precisa que todos os outros habitantes da cidade estejam de acordo. O que logo chama atenção no longa é o ambiente físico no qual ele se passa ou, se preferir, falta dele. As três horas de filme são situadas em um galpão. As casas e praças não passam de traçados a giz no chão preto do estúdio. Não há portas e nem paredes. Além de econômica, a técnica foi perfeita para retratar os relacionamentos de Grace com os habitantes de Dogville.

Entre os atores e elementos do filme, Menezes apresenta o Moisés-cachorro como protetor da cidade. Seus latidos de alerta demonstram seu ofício de anunciar para os habitantes da pequena Dogville a chegada de uma pessoa estranha. Tratando das curiosidades desta cidade, Menezes descreve que “até Moisés, o cachorro, e os canteiros de plantas, são apenas desenhos no chão”. (Menezes, 2011, n.p.). Assim, o cão Moisés é reprodução do imaginário dos dogvilleanos, que apesar de ser real (ainda que desenhado

a giz no chão), está invisível aos olhos naturais.

É possível deduzir do enredo que o cão é colocado na composição do quadro geral com alguns propósitos muito peculiares. Primeiramente, a presença do canino faz jus ao nome designativo da cidade. Também, é preciso ter uma percepção do cachorro Moisés como sendo um atalaia para os moradores de Dogville. No desenrolar da trama se percebe que o Moisés-cão é, figurativamente, a própria personalidade das pessoas. Assim, a representação imagética de Moisés, o cachorro tem distintos significados. Suad H. Andrade, ao descrever sua interpretação de Dogville postula que:

Outro aspecto significativo é o cenário teatral. Esta particularidade de apresentação, a forma de expor o tema, já nos remete ao conteúdo: o diretor nos avisa que não se vai falar das situações externas, do concreto, mas do mundo interno das pessoas. As paredes não existem, a vegetação não existe, até o cão, o Moisés, não existe, a não ser nos latidos ouvidos ao longe, ou então no final, quando ele aparece para significar a mensagem do filme: os aspectos internos assustadores. Vejam bem, a cidade tem o nome de cão, o cão é a personagem que abre o cenário (embora não apareça, só é mencionado) e ela, Grace, mostra, no final, que entende bem o cão, o único sobrevivente, e justifica a fúria dele para com ela (na verdade representando a fúria da cidade contra ela - eu lhe roubei o osso, diz ela ao cão, ou, roubei a tranquilidade da cidade, ou, o alimento que a mantinha viva como a ilusão de que todos eram tranquilos e pacatos) (Andrade, 2013, n.p.).

Moisés, o cão, na percepção de Andrade é elemento que configura o nome da cidade e que abre todas as demais interlocuções da trama devido ser ele o representante da ferocidade das pessoas de Dogville em relação a estranha Grace. No final do enredo, Grace reconhece que Moisés não merece morrer pois como representante do imaginário coletivo o cachorro recebe a mesma Graça (favor imerecido) que todos os habitantes receberam por longo tempo, contudo, não retribuíram.

Outra verdade sobre a vida perene do cachorro Moisés é que sendo uma mostra abstrata das ações concretas das pessoas, ele é a figura do inconsciente, que é o oceano onde as gotas do consciente se manifestam. Pode-se afirmar que o inconsciente, que é invisível, não perece jamais; ao passo que as ações humanas originadas do consciente são passíveis de punições. Pesquisadores em Psicanálise Clínica investigaram Dogville e concluíram que o filme inteiro é uma representação da sociedade. Segundo eles:

Para surpresa de todos, Grace estava sendo procurada por seu pai, que, sim, era um gângster perigoso. Como uma reviravolta, Grace autoriza que seu pai se vingue de seu sofrimento, quando seus capangas queimam todas as casas e matem os moradores de Dogville, exceto o cão, Moisés (Redação Psicanálise Clínica, 2022, n.p.).

Neste prisma, e, em consonância aos pressupostos já elencados, vê-se que a fúria de Moisés, o cão, ao interpelar a chegada da estranha Grace representa, em regra, as atitudes humanas diante do desconhecido. A ferocidade dos moradores de Dogville na demonstração de violência para com aquela que lhes tratou com compaixão, é tradução das relações humanas que retribui a bondade com maldade. Já a ira final de Grace para com os seus violentadores representa bem a aplicação da justiça após longo período de clemência não correspondida. Mara Vanessa Torres acredita que os humanos, por muito pouco, são transformados de bons amigos hospitaleiros a usurpadores, aproveitadores e mordazes. Fazendo sua crítica a Dogville, Torres (2014, n.p.) explica que:

A partir de um ponto, Dogville começa a ser construída como “cidade do cão”, onde

peças agem por instinto animalesco de poder e controle, forçando Grace a ser um de seus objetos. Toda a mesquinha da cidade é camuflada pela afirmação medonha dos habitantes de que “só queremos o seu bem” ou “não gostaríamos de fazer isso com você”, representando a imagem do algoz que açoita e flagela, alegando que o faz pela graça de Deus e bem de toda a humanidade (vide a barbárie perpetrada pela Santa Inquisição contra supostos hereges e o contínuo massacre étnico e religioso cometido nas terras do Oriente Médio, por exemplo).

Por fim, o cachorro Moisés sobrevive ao julgamento de Grace, quando esta é inocente para não receber punição idêntica aos brutais habitantes de Dogville. Moisés-cão não se enquadra no perfil animalesco dos mercedores de extermínio, na visão de Grace. Assim, presume-se que sua ferocidade instintiva é mais uma reação de defesa do que de ataque. Moisés canino, como representante de sua espécie, é tão valente quando seus instintos o permitem ser, conquanto, seja tão dócil quanto os animais de estimação costumam ser ao serem tratados com cortesia e atenção.

## **EXISTE ALGUMA RELAÇÃO ENTRE O MOISÉS BÍBLICO, PROFETA DOS HEBREUS E O CÃO-MOISÉS, PROTETOR DE DOGVILLE?**

Distintos pesquisadores respondem afirmativamente tal questionamento, pelo fato óbvio, de não ser por mero acaso que Lars Von Trier tenha denominado o cachorro, protetor da pequena Dogville, de Moisés. Em primeira análise, vê-se que, tanto quanto é parte do ofício de Moisés, o profeta dos hebreus, denunciar os perigos que o povo incorre, é função do Moisés-cão, protetor de Dogville, alertar os moradores da presença de estranhos. Viljoen, ao fazer sua crítica ao filme Dogville traça um importante paralelo entre o profeta e o cão explicando que: “O nome do cachorro, único sobrevivente que seria achado pelos outros humanos, se chama Moisés (que trouxe a palavra de Deus nas tábuas de pedra) (Viljoen, s.d, n.p.).”

Para o pesquisador, tal semelhança faz parte dos propósitos de Lars Von Trier em definir a figura da sentinela. Moisés, o profeta e Moisés, o cão são oficiais que estão sempre alertas para denunciar os riscos que seus protegidos correm. Há também um aspecto de similaridade entre eles no que concerne a ferocidade. O ofício de sentinela acaba por propiciar instantes de agressividade. Embora, tanto o animal quanto o profeta buscam a todo custo se dominarem. Esta mistura de ferocidade e mansidão assemelham o Moisés bíblico e o Moisés-cão. A pesquisadora Eleonora Minhós Branco em seus estudos sobre o profeta Moisés, postula que:

Na Bíblia, logo após essa visão [Bezerro de ouro], Moisés tem um ataque de fúria e quebra as tábuas – mas na estátua [Moisés de Michelangelo] [...] não vê indícios do possível desdobramento para uma ação violenta, vê apenas o que restou de um movimento iniciado, “ele gostaria, pela ira, de saltar, de se vingar, de esquecer as tábuas, mas superou a tentação e agora permanece sentado, com a fúria bastante domada, com uma dor misturada ao desprezo”. Um Moisés bem diferente do Moisés da Bíblia, que sucumbiu à ira (Branco, 2021, p. 41).

Moisés, profeta bíblico e Moisés, cachorro de Dogville são figuras existentes em temporalidades tão distintas, contudo, possuem traços de comportamentos tão análogos. Bruno Santos em sua análise de Dogville afirma ser impossível uma interpretação plausível da produção de Von Trier sem, antes, fazer o paralelo entre o cachorro que protege a pequena Dogville e o profeta bíblico que deu origem ao nome do canino. Santos (2023,

n.p.) explica que:

O cão Moisés também é outra evidente referência. Moisés é a figura bíblica responsável por libertar os hebreus e levá-los à Canaã, a terra prometida. Em *Dogville*, o cachorro Moisés desempenha figurativamente a mesma função do Moisés bíblico na conclusão do filme e é um dos pontos centrais para a compreensão da tese de Lars.

Os perfis comparáveis entre o cão e o profeta, ambos de nome Moisés, realmente são inúmeros e irrefutáveis. Há, no entanto, uma característica que distingue o cão Moisés de Dogville do Moisés profeta do Antigo Testamento. Sempre que o profeta é chamado a avisar de certo perigo, as pessoas têm a liberdade para optarem em seguir na direção do livramento ou das consequências pela desatenção; já as consequências futuras para os habitantes de Dogville não foram alertadas pelo cachorro protetor. Em sua missão, o cão-Moisés rosnava forte e latia alto na iminente chegada de estranhos, contudo era desprovido de voz que alertasse os dogvilleanos da irremediável punição que suas ações violentas trariam. Gerin (2019, n.p.) explicita que:

Moisés, o cachorro desenhado no chão da rua, poderia simbolizar a revelação, o anunciado do que está por acontecer, no entanto, cão não narra, portanto, para o que acontecerá em Dogville não haverá resposta. Resta aos pobres habitantes se enxergarem através de seu narrador que, ao criar uma semântica filosófica confusa, nos leva à beira do absurdo. O narrador suprime, em alguns momentos, a necessidade de diálogos para mostrar como a mente humana funciona diante de situações de ignorância ética.

As pessoas, vivendo em sociedade, tem a capacidade de aprender de modo tão diverso e peculiar. Em Dogville não foi diferente. Entretanto, em qualquer comunidade se pode, facilmente, ignorar aqueles sinais latentes que apontam para uma direção mais segura. Para os dogvilleanos umas das marcas que apontavam para potenciais perigos era o símbolo da cidade, desenhado a giz no chão, a saber o seu cachorro protetor Moisés. Enquanto os habitantes de Dogville agiam com desenfreada violência contra Grace, o cão-Moisés continuava presente na cidade. Elas o ignoravam, não se atentando ao fato de que o cachorro estava ali como símbolo permanente de suas próprias irracionalidades.

Outra possibilidade interpretativa dessa relação entre o profeta e o cão, é a mensagem de alerta trazida pelo profeta e a utilização didática dos próprios profetas para a compreensão da mensagem. É muito comum encontrar nas narrativas bíblicas a participação do profeta em sua própria mensagem. A exemplo, em Jeremias (13:1-11) Deus ordena que ele compre um cinto de linha, que o esconda na fenda de uma rocha, depois de muitos dias devia buscar o cinto, que já estava apodrecido e não servia mais para nada, então, a mensagem devia ser entregue: “Deus faria apodrecer a soberba de Judá e de Jerusalém, assim como fez com o cinto”. No capítulo 18:1-6, Deus ordena ao profeta Jeremias que vá até a casa de um oleiro; ali o oleiro fazia seus vasos; um deles estragou; o oleiro utilizou do mesmo barro e refez um vaso novo; a mensagem para Israel era que Deus poderia fazer o mesmo com eles.

Neste sentido, são inúmeros os profetas bíblicos que participavam ativamente como atores da própria mensagem. No caso do Moisés-cão de Dogville, em sua missão profética de alerta, ele simbolizava a impureza daquela gente. Como pessoas depravadas, os dogvilleanos mereciam punições. O cachorro, sendo uma representação da impureza daqueles habitantes, em si mesmo já prenunciava o castigo iminente. Bruno Santos (2023,

n.p.) explica que:

Assim como diversos outros elementos, o título possui um simbolismo bíblico. (Dogville – vila de cães). Segundo a fé cristã, os cães são *in effigie* [simbolicamente] tanto criaturas impuras quanto seres renegados e do martírio, “ficarão de fora os cães e os feiticeiros”, diz *Apocalipse 22:15*. Há três figuras importantes no longa: Grace, Thomas Edison Jr. e o cachorro Moisés.

Em regra, os animais de estimação possuem suas habitações do lado de fora das residências humanas. Quando se lê a expressão “os cães ficarão de fora” percebe-se estar tratando daquilo que é sujo, impuro ou inadequado para permanecer no interior da casa. Moisés, o cão protetor de Dogville estava imagneticamente na rua da cidade, e não no interior das moradias. As pessoas (com seus instintos selvagens) guardavam-se nos seus lugares seguros, enquanto o cachorro não tinha repouso protegido. Ao final do enredo o cão-Moisés recebe a proteção da vida, enquanto os violentos moradores recebem a punição e a justiça que suas ações mereceram. Patrick Pessoa em sua crítica sobre Dogville faz a seguinte consideração:

A justiça de Moisés ou a justiça de Jesus? A justiça do Deus vingador do Velho Testamento, que nunca hesitou em condenar à morte os pecadores, ou a justiça do Deus do amor do Novo Testamento, que cortou na própria carne para conceder à Humanidade a graça do perdão pelo pecado original? A animalesca justiça do cão (no filme chamado justamente de Moisés) que odeia estrangeiros e toma conta da “cidade do cão” (Dogville) ou a divina justiça da graça, que tem uma capacidade sobre-humana de compreender e perdoar (no filme personificada por Grace, a princípio explorada e logo crucificada pelos habitantes da cidade)? (Pessoa, 2018, n.p.)

Pessoa relembra o fato de que os moradores de Dogville tiveram diante de si, durante longo período, a Grace (Graça) como expressão de clemência e perdão. Eles não mudaram seus comportamentos mesmo estando a sua disposição o “favor imerecido”. Moisés, o cão, é a representação profética de que a vingança seria inevitável. A Graça foi vilipendiada. A misericórdia foi desprezada. Ao contrário, Grace (o favor imerecido) foi subjugada aos mais absurdos atos de barbárie e desumanidade em Dogville (cidade de cão). Delfino acrescenta que:

O massacre moral a que Grace é submetida nos faz desejar, revoltados, indignados, cheios de santa ira, que Dogville seja destruída. Somos forçados a concordar que o mundo somente terá conserto quando todas as Dogville que o povoam forem destruídas. E ao desejarmos isso, “Dogville”, o filme, triunfa sobre nós, pois mostra como nosso humanismo se desfaz facilmente em ódio bárbaro. Deus é um gangster que dispõe da vida e da morte das pessoas, como se fossem cães. No mundo sem transcendência de Dogville, o único sobrevivente é o cão Moisés. O cão é o último homem, o herdeiro da barbárie, que se limita a latir para o alto, raivoso (Delfino, 2004, n.p.).

Moisés, o cão, agora, segundo Delfino pode ser identificado como uma última centelha de selvageria humana que resta após o julgamento final, que se estendeu da Graça até a Justiça. Em Dogville as pessoas mascaram, de início, suas verdadeiras identidades em face da chegada de Grace. Moisés, o cão, não fingiu ser o que não era, em momento algum; ele inicia suas aparições rosnando e latindo e do mesmo modo furioso e profético encerra sua participação.

Carolina Morena ao desenvolver sua resenha crítica sobre Dogville denuncia, igualmente, a hostilidade que os dogvilleanos demonstraram para com Grace, após alguns dias. Morena comenta que:

Inicialmente, tudo parece funcionar bem e Grace está cada vez mais inserida no meio. Entretanto, com o passar do tempo e após a chegada, na cidade, de acusações contra Grace, os moradores passam a mostrar gradativamente “seus dentes”. Tom parece representar o sopro de esperança do filme, por continuar amigo e fiel a Grace. Ocorre que, como fica claro no decorrer da história, nem mesmo aquele que se apresenta como o baluarte da ética e do humanismo mantém essa face por muito tempo, quando exposto à pressão da sociedade em que se insere. Fora que todas as teorias discutidas pelos intelectuais costumam ficar no campo das utopias, posto que são encaradas através de uma realidade inexistente. A promoção dessas ideias não encontra lugar em uma sociedade corrompida, mesmo que essa corrupção seja velada. Esse é o caso de “Dogville”, já que a chegada de Grace foi o estopim para que a real face de sua pequena burguesia mostrasse suas garras e seus dentes (Morena, s.d., n.p.).

Tal qual as atitudes dos habitantes de Dogville são também as condutas dos hebreus e gentios nos dias de Moisés, o profeta. A geração contemporânea daquele que “foi tirado das águas” estava tão corrompida quanto os dogvilleanos. Moisés, o sacerdote-profeta-rei foi levantado com a difícil missão de promover uma grande transformação em seu tempo. Moisés, o cão-protetor-sentinela de Dogville foi instituído para denunciar a que ponto de selvageria pode chegar um humano.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou evidenciar aspectos de similaridade existentes entre o cachorro Moisés de Dogville e o Profeta Moisés descrito nas Escrituras do Antigo Testamento, do qual originou o nome do cão protetor da cidade de cão. Ocorre que, além de cumprir este objetivo geral, o ensaio apontou para outros fatores presentes na humanidade. Dogville fala muito sobre os comportamentos humanos. O filme retrata, de forma muito séria, os procedimentos observáveis em variados nichos sociais. Nas considerações da Psicóloga Patrícia Simone de Araújo Santos (2010, n.p.):

“Dogville” é uma metáfora da sociedade, de suas instituições e de sua hipocrisia. Explora os sentimentos a cada cena. Aliás, interessante como outra metáfora, que o cachorro do filme (cidade de cão ou o vilarejo do cachorro), se chama exatamente Moisés. Observe-se que ele é simbolizado apenas, não tem existência concreta. O lugar em que deveria estar é riscado no chão, como naqueles filmes policiais cujo risco no chão mostra onde se encontrava o cadáver. Quer dizer, a metáfora seria que o líder, no sentido da liderança pragmática praticada por Moisés, não existia na comunidade, pois o “líder” de Dogville, que por sinal nem foi eleito, é aceito, provisoriamente, muito menos pelas suas próprias qualidades que pelas necessidades dos “liderados”, exatamente como já constataria o grande Bion sobre os líderes emergentes nos grupos humanos.

Quem sabe a interpretação mais plausível de Dogville seja denunciar as atitudes animais dos seres humanos quando estes deixam de exercitar uma verdadeira moralidade e passam viver no fingimento? Dindi Coelho acredita que se os seres humanos perdem o sentido da moral e da ética e falseiam suas atitudes, certamente, não se deve esperar outro comportamento, senão de corrupção e maldade, tal qual um animal irracional. Coelho (2010, n.p.) explica que:

Assim se comportam as pessoas de Dogville: Não pensam em mudar nada. Nietzsche acredita que a vontade de potência é anulada quando entra em jogo a moralidade, quando o ser humano deixa de seguir o seus sentidos: “Considero corrupto um animal, um indivíduo, uma espécie quando despreza seus sentidos”.

Moisés, o profeta bíblico e Moisés, o cão protetor da cidade são ícones que delatam

inúmeras realidades. Ambos revelam os intentos mais profundos do coração humano. Ambos desmascaram as sutilezas sociais que corrompem as pessoas. Por meio dos ofícios deles seus contemporâneos recebem aqueles sinais de alerta que os permitem terem precaução quanto as suas más condutas. Suad Haddad Andrade (2013, n.p.) explica que:

Em um filme como este vamos nos surpreendendo porque mesmo o que é óbvio não o é totalmente, e o filme nos horroriza também; até ficamos encantados com esta jovem bem educada que trata a todos de maneira tão cortes e respeitosa e não nos damos conta do que está latente: a agressividade encoberta que vai mobilizando mais violências. O mais chocante é, a meu ver, o símbolo: o cachorro feroz. Temos todos um Moisés dentro de nós? No filme o cão não morre e fica a questão: Grace deixou Dogville? ou Dogville deixou Grace? Ou dito de outra maneira: nós deixamos o cão feroz? Ou, ele nos deixa? Esta pergunta ficou sem resposta. Ou não ficou?

As interrogações trazidas por Andrade são de salutar importância para o expectador e leitor de Dogville. Suas indagações incomodam tanto quanto é provocadora a produção de Lars Von Trier. E isto é muito positivo, levando em consideração que as pessoas podem não se atinarem para alguns hábitos maléficos e direções equivocadas que estão tomando se alguém não chacoalhar sua estrutura.

Os sinais proféticos deixados pelo cão Moisés e os sonidos das mensagens de alerta do Moisés bíblico são como latidos ferozes que denunciam as injustiças cometidas pelas comunidades nas quais ambos atuavam. A presença desses atalaias deveria ter causado alguma mudança de atitude naquelas pessoas. Nem sempre o profeta é ouvido ou o latido é atendido. Da mansidão a indignação desses ícones do imaginário profético, cada parte do seu ofício é carregado de significado.

Que este trabalho oportunize ótimas reflexões pessoais e coletivas. Que corrobore com o avanço da pesquisa científica em temas correlatos. Que contribua com a atualização bibliográfica concernente a comparação entre o Moisés bíblico do Antigo Testamento, profeta dos hebreus e o cão Moisés de Dogville, o protetor dos moradores da cidade de cão.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Suad Haddad. Dogville: **Comentários ao Filme**. <https://psicanalisedownload.files.wordpress.com/2013/04/dogville> – acesso em 02/05/2023.

ARAUJO, Paulo Roberto Monteiro de. **Dictum ac factum**: Dito e Feito ou ninguém vai dormir aqui hoje. Análise de Dogville (2003). Notas de Aula: Cinema e Espírito de Época: Questões Contemporâneas. São Paulo, 2023.

BARBOSA, Geraldo. **Moisés, o homem mais manso da Terra**. <http://www.pregandoaverdade.org> - Publicado em 17/01/2023 - Acesso em 04/05/2023.

BÍBLIA SAGRADA. (ARA – Almeida Revista e Atualizada). São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

BRANCO, Eleonora Minhós. **O Moisés de Freud e a estrangeiridade**. Dissertação de Mestrado. PUC-SP: São Paulo, 2021,

COELHO, Dindi. **Entre o Filme e a Filosofia**: Dogville e Nietzsche - <https://www.posfacio.com.br/> –

Publicado em 25/07/10 – Acesso em 04/05/2023.

DELFINO, Daniel M. **“Dogville” e a morte do humanismo** – publicado em 22/02/2004 - <http://espacosocialista.org/portal/2008/12/> - Acesso em 02/05/2023.

GERIN, Antônio Roberto. Em <https://www.assistoporquegosto.com.br/blog/index.php/dogville> – Publicado em 06/09/2019 – Acesso em 03/05/2023.

MENEZES, Ewerton. **A Construção do universo magnífico de “Dogville”**. Publicado em 19/08/2011 - <https://extensaocinema.wordpress.com> – acesso em 02/05/2023

MORENA, Carolina. **“Dogville”: Sinopse e Resenha Crítica**. <https://blablacacrol.com/dogville> - acesso em 04/05/2023.

PESSOA, Patrick. **Crítica: Dogville**. <https://oglobo.globo.com/rioshow/critica-dogville>. Postado em 25/11/2018 – Acesso em 03/05/2023.

REDAÇÃO Psicanálise Clínica. **Dogville -2003**: sinopse e significado do filme de Lars Von Trier - [psicanaliseclinica.com](http://psicanaliseclinica.com) – publicado em 15/09/2022 – acesso em 04/05/2023.

SANTOS, Bruno. **O Politécnico viu**: Dogville – postado em 03/02/2023 – [jornal.gremiopolitecnico.com.br](http://jornal.gremiopolitecnico.com.br) – acesso em 03/05/2023.

SANTOS, Patrícia Simone de Araújo. **Dogville: relações sociais, afetivas, grupo, sociedade**. <https://www.psicologiaecinema.com/2010/07/dogville>) - Postado em 16/07/2010 – acesso em 04/05/2023.

SELLIN, Ernst & FOHRER, G. **Introdução ao Antigo Testamento. V. 1** – Livros Históricos e Códigos Legais. 3ª Ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1977.

SMITH, Ralph L. **Teologia do Antigo Testamento: história, método e mensagem**. São Paulo: Vida Nova, 2001.

VILJOEN, Andries. **Comentários da Sinopse de Dogville**. <https://www.adorocinema.com/filmes/Dogville> – Acesso em 04/05/2023.

TORRES, Mara Vanessa. **Dogville (2003)**: Imaginário e símbolos de apreensão do real – Análise – Reflexões sobre a caixa humana criada por Lars Von Trier - <https://www.interrogacao.com.br/2014/04/>- Acesso em 04/05/2023.

# Física: sua relevância e conexões com a ciência e a religião sob a ótica cristã na contemporaneidade

## *Physics: its relevance and connections with science and religion from a christian perspective in contemporary times*

João Mario Ribeiro Junior

### RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal colaborar com reflexões e também proposições visando aprimorar a compreensão sobre a relevância da Física, e a ocorrência das suas conexões com as áreas da ciência e da religião. Seu processo de desenvolvimento e aprimoramento que culmina na atualidade em novos ramos como a Física Quântica em seu contexto, observado sob a perspectiva cristã na contemporaneidade. Esperamos somar conhecimento através de leituras e discussões. Realizou-se uma pesquisa bibliográfica considerando a contribuição de autores como Daniel (2020), Copan *et al.* (2018), Morandini (2011), Liebi (2016), Gitt (2014) e Martins (2017) entre outros, procurando observar a relação da disciplina de Física e o campo religioso em pesquisas sobre temas como o universo, a matéria, o tempo e a eternidade dentre outros, sobretudo essa ocorrência observada pela visão cristã na contemporaneidade. E ainda, propiciando demonstrar que essa vertente ou ótica existe e que é relevante nesse processo. E, também, verificar que embora a ciência e a religião sejam áreas distintas uma da outra a Física possui conexões com ambas, vez que existem temas estudados pela mesma que são de interesse dos cientistas e de religiosos, frente aos avanços e novos desafios na atualidade.

**Palavras-chave:** física; ciência; religião; ótica cristã.



## ABSTRACT

The main objective of this work is to collaborate with reflections and also propositions aiming to improve understanding of the relevance of Physics, and the occurrence of its connections with the areas of science and religion. Its process of development and improvement currently culminates in new branches such as Quantum Physics in its context, observed from a contemporary Christian perspective. We hope to add knowledge through readings and discussions. A bibliographical research was carried out considering the contribution of authors such as Daniel (2020), Copan *et al.* (2018), Morandini (2011), Liebi (2016), Gitt (2014) and Martins (2017) among others, seeking to observe the relationship between the discipline of Physics and the religious field in research on topics such as the universe, matter, time and eternity among others, especially this occurrence observed by the Christian vision in contemporary times. Furthermore, it allows us to demonstrate that this aspect or perspective exists and that it is relevant in this process. And also, verify that although science and religion are distinct areas from each other, Physics has connections with both, since there are themes studied by it that are of interest to scientists and religious people, given the advances and new challenges of today.

**Keywords:** physics; science; religion; Christian optics.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi realizado a partir da indispensabilidade de se aperfeiçoar no âmbito do processo de pesquisas relevantes da disciplina de Física e suas perquirições, e que também são imprescindíveis aos estudos de assuntos de interesse das áreas da ciência e da religião visando a compreensão sobretudo das distinções das respectivas áreas, ou seja, se propicia o entendimento de que ciência e religião são áreas impares, separadas, distintas. E também, nesse contexto verificar a relevância da Física através dos tempos, a qual tem sobretudo na contemporaneidade se apresentada em novos ramos, dentre os quais se destaca a Física Quântica com suas contribuições que permitem uma nova análise de certos princípios.

A metodologia desse artigo é alicerçada em pesquisa bibliográfica e tem por objetivo discutir sucintamente alguns conceitos históricos, científicos, religiosos e filosóficos do desenvolvimento da disciplina de Física seu processo e ainda suas contribuições para outros campos ou vertentes. Ainda, o seu funcionamento e as suas implicações frente aos novos métodos, desafios que as novas descobertas tecnológicas proporcionam, bem sobre que veredas seguir e suas implicações nas concepções religiosas e também científicas.

A partir desta conjectura procurar retratar o cenário histórico em que o aspecto religioso incide nas pesquisas e nas vidas de grandes cientistas limitando-se aos físicos através dos séculos e suas respectivas condutas dentro de um caráter e visão ética cristã bíblica. É relevante para esta pesquisa observar que os princípios do cristianismo bíblico visam corroborar nesse processo de estudos e pesquisas, e ainda que possui uma perspectiva ou visão intrínseca sobre a temática.

Observando que alguns assuntos relacionados ao campo religioso, como o

universo, a matéria, o tempo e a eternidade, dentre outros, na atualidade a física quântica, tem proporcionado uma maior clareza sobre esses assuntos sob o ponto de vista da ciência.

Desta forma, se pretende corroborar para o entendimento sobre a temática contribuindo para o aprimoramento nessa área, discorrendo com simplicidade e de maneira objetiva, propiciando apontar caminhos e visando a proporcionar respostas relacionadas ao assunto.

## **BREVES CONCEITOS HISTÓRICOS, CIENTÍFICOS E RELIGIOSOS SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA FÍSICA, SUA IMPORTÂNCIA E CONEXÕES COM A CIÊNCIA E A RELIGIÃO NA CONTEMPORANEIDADE**

Desde os primórdios dos tempos os seres humanos procuram compreender os dilemas da própria existência e ainda do cosmos em sua abrangência, sendo que nesse afã se deparam com veredas que aportam em margens que perpassam e abarcam o contido nos ensinamentos das mais diversas religiões.

E com o transcorrer dos anos e com o advento das invenções, das novas descobertas e dos avanços nas mais variadas áreas também se deparam com as ciências e no campo das ciências a qual engloba as mais diversas disciplinas está contida a disciplina da física que por sua vez dentre outros de seus objetivos e buscas procura desvendar os mistérios ou princípios que governam o universo.

A história dessa disciplina avança desde os tempos mais remotos, pois as aplicações de conceitos físicos podem ser notados quando da utilização de armas de caça, na idade antiga quando do aprimoramento de ferramentas agrícolas usadas pelos egípcios e mesopotâmicos, passando pela cultura grega quando dos estudos relacionados a matéria e sobre o universo, era cristã quando dos debates sobre as novas descobertas da ciência, avançando pelas revoluções científicas e modernas teorias no decorrer dos séculos, até as mudanças e inovações ocorridas na própria física englobando ainda o século XX até a contemporaneidade onde incide na chamada nova física destacando-se entre outras vertentes a física quântica e a relativista e um emaranhado de novas teorias que se desenvolvem em inter-relação com outras disciplinas e áreas de estudo dos mais variados segmentos e com inferência no campo religioso. Ainda se verifica que algumas leis físicas propostas por cientistas no passado quando aplicadas em determinados estudos já não se aplicam mais, como é o caso dos conceitos de posição e energia, dentre outros.

Na idade antiga, o conhecimento acerca da natureza e a produção agrícola permitiram que povos como os egípcios e os mesopotâmios tivessem grande domínio da produção agrícola relacionadas as estações do ano, irrigação por bombeamento, transporte de cargas pesadas, entre outros. [...] Foi na Grécia, por volta de 600 a.C., que um grupo de filósofos se dedicou a buscar respostas independentes, que pudessem ser compreendidas pelo emprego da lógica. Entre os temas estudados por esses filósofos estavam a concepção da matéria e a compreensão do universo. [...] No início da Era Cristã, um grupo de pensadores se dedicou a estreitar os laços entre a filosofia aristotélica e a concepção religiosa. Essa relação dominou o pensamento do período conhecido como Idade Média, e as questões científicas não ficaram de fora dessa forma de pensar. É comum lermos que a Idade Média foi um "período de Trevas" para o desenvolvimento da Ciência, mas essa interpretação é equivocada. [...] As transformações políticas, econômicas, sociais e religiosas entre os séculos XV e XVII também levaram a revoluções científicas, tecnológicas e

artísticas. [...] A fundamentação teórica dada por Newton possibilitou importantes inovações técnicas nos séculos XVIII e XIX, como relógios, teares mecânicos, telescópios, microscópios, etc.[...] A termologia, a Eletricidade e o Magnetismo desenvolveram-se nos séculos XVIII e XIX. [...] No final do século XIX e início do século XX, a forma de pensar a física sofreu uma mudança significativa. [...] Max Planck (1858-1947) e Albert Einstein (1879-1955) são os representantes dessa nova física: a Quântica e Relativista, respectivamente. A Mecânica Quântica tenta explicar fenômenos que ocorrem no mundo das partículas atômicas e subatômicas. Os conceitos de posição e energia já não seguem as leis propostas por Newton. Por sua vez, a relatividade procura descrever o movimento com velocidades próximas à velocidade da luz. Substituindo os conceitos newtonianos de tempo e espaço. [...] Revisitar esses fatos históricos, que tiveram influência direta dos conhecimentos da Física, é reconhecer que essa ciência é, legitimamente, uma construção humana das mais relevantes. Estudar Física é também estar em contato com aspectos culturais, sociais, tecnológicos, políticos e econômicos (Bonjorno *et al.*, 2016, p.12-14).

E na atualidade, se percebe que os rumos propostos pela ciência e pela religião para o entendimento ao menos em parte desses questionamentos vem a coincidir ou divergir, desta forma, a ciência e a religião possuem interpretações intrínsecas a cada uma delas, e a disciplina de física algumas vezes permite que se vislumbre um conhecimento peculiar ao aspecto religioso, e sob o ponto de vista religioso também se vislumbre algo semelhante ao se adentrar no campo da física.

Desta maneira, primeiramente se faz necessário ter-se uma compreensão de que no âmbito da ciência por esta ser muito ampla visando se ater a temática se faz premente num primeiro instante muitas vezes permanecer atrelado a disciplina da física, frisando que isso não é uma regra ao longo da pesquisa, por isso de uma forma breve avançar para o aspecto conceitual, ou seja, é relevante se observar algumas definições no tocante a física englobada na ciência como um todo, ou seja, a física funciona como uma produtora de descobertas que incidem sobre a área da ciência propriamente dita e também da área religiosa.

A física é o ramo da ciência que, mais geralmente, tenta entender os princípios fundamentais que governam o universo. É frequentemente descrita como a ciência natural que envolve o estudo da matéria e seu movimento através do espaço tempo, juntamente com conceitos relacionados, como energia e força. Com a inclusão da astronomia, pode-se argumentar que a física é a mais antiga de todas as ciências. Os assuntos da física são frequentemente divididos em duas grandes categorias: física clássica e física moderna. A física clássica lida com assuntos que foram desenvolvidos essencialmente antes do século XX e incluem mecânica, termodinâmica e eletromagnetismo. Perto do final do século XIX, alguns físicos acreditam que o estudo da ciência básica estava se aproximando de uma conclusão, já que esses assuntos tendiam a descrever quase todos os fenômenos conhecidos. No entanto, descobertas inesperadas no início do século XX mudaram radicalmente nossa visão do universo e levaram ao desenvolvimento de muitos assuntos agora descritos como física moderna, que incluem a relatividade especial, relatividade geral e física quântica. A palavra física vem do grego *physikê*, “pertencente a natureza”, a física fazia parte da filosofia natural que incluía química, biologia e matemática, e era praticada principalmente com base no raciocínio humano, e não na observação e experimentação. Nossa compreensão atual da ciência da física se desenvolveu durante a Revolução Científica do século XVII, quando surgiu uma distinção entre filósofos da ciência, que basearam muitas de suas conclusões simplesmente na razão ou na beleza, e os matemáticos e físicos que desenvolveram suas ideias com base em observações. [...] Os princípios da física são considerados significativos apenas se puderem ser expressos por equações matemáticas. Por séculos, cientistas, filósofos e teólogos se maravilharam com o fato de o universo é descrito pela precisão inerente a matemática. Teístas assinalam que uma descrição matemática do universo leva claramente aponta para o caráter do Criador. [...] Por fim, podemos dizer que as leis matemáticas da física fornecem evidências convincentes de que o universo é inteligentemente projetado (Dicionário de Cristianismo e Ciência, 2018, p.331-332)

Ainda se verifica que no próprio desenvolvimento das descobertas científicas englobando de maneira mais específica o campo da física e por conseguinte das ciências, o embate entre ciência e religião não deve ser visto como algo inconsequente ou desprovido de elementos que ao invés de acirrar os embates de forma embrutecida, estabelecem condições para uma possível compreensão do trabalho científico e para a prática da fé no contexto dos considerados grandes cientistas, sendo que nesse sentido e compreensão, salienta Davis (2020, p. 162) “Newton é visto como alguém profundamente piedoso e um sério estudioso da teologia, cujas ideias sobre Deus e a Bíblia ajudaram a formar toda sua visão de mundo, incluindo seu conceito da natureza e como ela funcionava.”. E nessa linha declara Jammer (2000, p.10) “O texto pretende estudar a profundidade com que a religião afetou Einstein e seu trabalho, mas também inversamente, em particular a Teoria da Relatividade, afetou o pensamento teológico.” Pois, embora isso não seja uma unanimidade em muitas ocasiões e em várias épocas, ocorre um fenômeno onde alguns cientistas admitiram que a fé em Deus não seria empecilho para continuarem sendo cientistas e de prosseguirem com suas pesquisas. Comenta Ferreira (2009, p.12) “Como veremos não somente alguns, mas possivelmente a maioria dos grandes matemáticos e físicos acreditaram/acreditam num “Ser supremo”, independente do universo.”. E, ainda através de suas descobertas propiciaram grandes avanços para a humanidade e um entendimento mais amplo dos elementos religiosos.

É um esquema de leitura fácil, mas também inadequado para interpretar as relações entre ciência e fé na Revolução Científica, caracterizadas, com efeito, por entrelaçamentos bem mais complexos. Aliás, os limites entre comunidade científica e comunidade eclesial são nessa fase bem menos nítidos do que poderíamos pensar, criando obstáculos às pessoas e à reflexão de alguns dos protagonistas da época. O dado é claro, por exemplo, no pensamento do físico inglês Robert Boyle (1627-1691), que até considera mais fácil ser cristão para um filósofo experimental, cujo “tirocínio de estudos contribui muito para estabelecer no seu ânimo uma sólida fé na existência e em muitos dos principais atributos de Deus”. A observação racional, de fato, não pode deixar de concluir que “esse sistema de coisas, belo, ordenado e, numa palavra, admirável [...] foi concebido por um autor sumamente poderoso, sábio e bom”. A ciência é pensada aqui como uma contribuição à fé do Criador, o conhecimento do mundo como via para o conhecimento Dele. Isso é ainda mais verdadeiro para o próprio Newton, que desde as primeiras fases da sua existência vive uma intensa religiosidade, testemunhada por uma biblioteca mais rica em textos de teologia do que de filosofia natural, e que considerará a própria missão em primeiro lugar como religiosa. O material por ele dedicado a interpretação dos textos apocalípticos é quase tão amplo como a produção física e caracterizado, aliás, por uma abordagem semelhante à dos *Principia Mathematica*, de 1687, como a estabelecer um novo paralelismo entre os livros de Deus. Não é de admirar, então, que também sua obra científica se situe no âmbito da tradição cristã...” (Morandini, 2011, p. 23-24).

Se observa que as religiões possuem diversas narrativas acerca do surgimento do universo, onde a cosmogonia é inerente tanto a elas como também as ciências dentre outros assuntos relacionados e disciplinas que as estudam.

E para isso nesse trabalho, no aspecto religioso se procura abordar com mais ênfase o seu contexto de forma geral e o concernente as ciências, o da física e seus ramos. Pois, os adeptos da religião cristã entendem que os princípios bíblicos contidos nas Sagradas Escrituras são inegociáveis e que existem verdades absolutas e atemporais, contudo não ignoram os avanços científicos, segundo Burtness (2009, p. 49) “Existem religiões que podem ignorar, e ignoram, os desenvolvimentos da ciência e tecnologia no mundo, o cristianismo não é uma delas”. Embora, sejam coisas distintas, a ciência e a religião

na conjuntura das tradições grosso modo podem ser compreendidas como sistemas de pensamento e também de busca ou pesquisa delimitando-se as suas respectivas áreas e interpretações, pois a religião e a ciência são coisas distintas.

Observa-se que não se procura um elo de ligação ou conexão entre ambas ao ponto que possam fundirem-se em uma só área, mas se ater ao fato que as pesquisas ou estudos sérios pode propiciar uma melhor compreensão do que concerne ao campo de cada disciplina, seja no contexto religioso ou científico, o esforço nesse sentido é que é comum, pois visa alcançar um melhor entendimento dos fenômenos intrínsecos à religião ou à ciência.

As tradições científicas e as tradições religiosas são sistemas de pensamento que buscam a verdade. A religião baseia sua busca da verdade em um conhecimento que se acredita obter por revelação. A ciência busca a mesma verdade avaliando as interações observadas em nosso mundo físico. Muitos não se dão conta que alcançar um entendimento rigoroso da Bíblia é uma tarefa tão árdua e exigente quanto a pesquisa científica. O texto bíblico é irresistível na sua concisão e, todavia “fala na linguagem do homem”. Inclusos em relatos aparentemente simples do avanço da humanidade e de seus encontros com o Criador estão conceitos que, vistos em retrospecto, nortearam o mundo ocidental por mais de três mil anos e guiaram as mais variadas civilizações, desde uma tribo de escravos recém-libertados seguindo pelo deserto por uma terra não cultivada (Jeremias 2:20) até o homem moderno girando em torno da terra em uma cápsula espacial. (Schroeder, 1992, p.30-31).

Assim, no campo religioso se percebe que as Sagradas Escrituras contêm algumas narrativas que apontam para descobertas que coincidem com pesquisas atuais, sobre isso comenta Liebi (2016, p. 5) “Este livro trata de uma comparação entre a Bíblia e a Ciência. Inúmeras descobertas da pesquisa moderna não eram, de fato, novas. Elas já podiam ser encontradas na Bíblia, há séculos.”. Pois, no campo das ciências a disciplina de física, entre seus ramos de estudo e contribuições encontra-se inerente a astronomia, conforme Gonçalves Filho e Toscano (2016, p.10) “Física é uma das ciências que investigam os fenômenos da natureza [...] Além de seu próprio campo de pesquisa, ela auxilia outras ciências da natureza como a Química, a Astronomia, a Geografia e a Biologia.”. Sendo que a astronomia tem origem com os gregos, de acordo com o que salientam Biscuola, Doca e Villas Boas (2017, p. 145) “Foram os antigos gregos os fundadores da ciência modernamente conhecida por Astronomia.”. Desta forma ao se prescrutar o universo se utiliza princípios científicos intrínsecos a física e a astronomia, dentre outras disciplinas, ao se observar da força da gravidade e alguns eventos relacionados a esse contexto, demonstram que a Bíblia já discorria sobre certos fenômenos que hoje em dia a própria ciência comprova.

É impossível contar as Estrelas. “Como não se pode contar o exército [de estrelas] dos céus...” Jeremias 33.22 (600 a.C.) “Olha para os céus e conta as estrelas, se é que podes!” Genesis 15.5b (21 séculos a.C.). A partir do Hemisfério Norte consegue-se enxergar em torno de 3.000 estrelas a olho nu. O mesmo ocorre a partir do Hemisfério Sul. Assim, é possível visualizar em torno de 6.000 estrelas como pontos luminosos individuais no firmamento sem auxílio de instrumentos. A Bíblia, no entanto, afirma expressamente impossível para um ser humano descobrir a real quantidade de estrelas existentes. Desse modo, nos anos passados, essas afirmações bíblicas estavam em contraste com a Ciência. Galileu Galilei, em 1610, foi o primeiro homem a direcionar um telescópio para o céu. Ele chegou à conclusão de que poderia haver em torno de 30.000 estrelas. No decorrer dos anos, no entanto, os telescópios foram aprimorados. Hoje o número estimado de estrelas no espaço sideral pesquisado gira em torno de  $10^{22}$  (algarismo 1, seguido de 22 zeros). É impossível conta-las! Pode-se apenas fazer modestas estimativas. “Você pode amarrar as lindas Plêiades? Pode afrouxar as cordas do Órion? Jó 38.31- NVI [...] Deus perguntou a Jó se este seria capaz de amarrar as Plêiades. Trata-se de uma

constelação que a olho nu, é possível enxergar de 6 a 9 estrelas. Com o auxílio do telescópio, porém, esse número sobe a um mínimo de 1.200 estrelas. Todas essas estrelas formam um conjunto unido pela força da gravidade e mantêm uma rota em comum através do espaço. A maioria das 88 formações estelares classificadas pela Astronomia moderna são conjuntos cujas estrelas, individualmente, na realidade não tem relação entre si. Vistas a partir da terra, elas parecem ter alguma conexão. No espaço sideral, porém, essas estrelas de fato estão totalmente deslocadas umas das outras. As Plêiades se encontram entre as poucas exceções. Estas estrelas estão diretamente “amarradas” através da força da gravidade. Para a maioria das constelações seria inadequado perguntar: “Você pode amarrar...?” No entanto, a pergunta feita a Jó acerta em cheio na questão das Plêiades, cuja realidade hoje é comprovada cientificamente (Liebi, 2016, p.6-9).

Quando se verifica o relacionamento entre ciência e religião deve-se distinguir sempre que nessa relação ambos assuntos ou disciplinas são distintos.

E ainda nesse mesmo sentido, declara Macgrath (2020, p. 16) “Religião e ciência são duas das forças culturais e intelectuais mais significativas no mundo hoje.”, e no âmbito da temática ao se observar a possível relação entre a ciência e a religião, é premente se verificar a ocorrência de um fenômeno onde as doutrinas religiosas vieram impactar e propiciar o desenvolvimento científico, e que a ciência de alguma forma, sobretudo na esfera da disciplina de física, de acordo com Fuke e Yamamoto (2017, p. 10) “A Física – palavra originada do grego *physiké* – é a ciência das coisas naturais que estuda as propriedades da matéria, da energia, do espaço e do tempo.”, pois principalmente na contemporaneidade tem corroborado para uma melhor compreensão de alguns tópicos que de uma forma geral também são inerentes aos estudos da religião como a questão do tempo em relação ao que seja a eternidade, pois para os cristãos, segundo declara Gitt (2014, p.109) “Para nós, a eternidade começará no momento em que saímos da esteira do tempo. Nós, seres humanos, somos criaturas eternas. Nossa existência nunca se extinguirá.”, pois, ainda em relação ao tempo e a eternidade de acordo com Daniel (2000, p. 123) “A humanidade está na dimensão que chamamos tempo. Deus não. Foi Ele quem criou o tempo, o que nos leva a conclusão óbvia que se antes não existia tempo, pois Deus o criou [...] Deus é eterno, e terno significa sem começo e sem fim.”. Desta forma, esta é uma das áreas de pesquisas comuns a ciência e a religião. E, ainda salienta Polkinghorne (2008, p.15) “A experiência humana do tempo é fundamental para o nosso encontro com a realidade, mas possui um caráter complicado.”. Assim, é relevante buscar entender como acontece a relação entre ciência e religião.

Existem vários modos de se medir como se dá o relacionamento entre religião e ciência. A história da civilização humana mostra que as visões sobre as naturezas das duas áreas variam com o passar do tempo, conforme percepções filosóficas e conjunturas políticas, sociais e econômicas. Historicamente, a ciência tem tido uma relação intrincada com a religião, especialmente o cristianismo, que dominou a Europa durante a Idade Média e a Moderna. Bastante interessante é o fato de que doutrinas religiosas por diversas vezes influenciaram o desenvolvimento científico, do mesmo modo que o oposto também é verdadeiro. [...] Na história da humanidade, ocorreram variadas formas de relação entre religião e ciência. Ao observarmos as épocas históricas, percebemos fases em que há um domínio aparente de um ou outro campo, fazendo nascer oposições, restrições mútuas e também proibições, até que se estabelecesse um novo patamar em que o equilíbrio pudesse ser alcançado. [...] Atualmente, certa parcela da humanidade se deixa dominar por um campo ou outro, e também há os que buscam um equilíbrio possível (Martins, 2017, p.96-98).

Desta maneira, de acordo com Tipler (2010, p.15) “A física moderna se baseia em três teorias fundamentais: a mecânica quântica, a relatividade geral e o modelo-padrão da

física das partículas.”. E, na contemporaneidade a disciplina de física vem corroborando nesse sentido, pois dentre os seus ramos nota-se, entre outros o campo da física quântica, destacando que desde que seus pressupostos sejam compreendidos de maneira adequada pode propiciar um melhor entendimento sobre determinados assuntos no que tange áreas insígnias das religiões.

Prioritariamente, é importante dizer que a Física Quântica não tem nada de má em si mesma. Ela não é má ciência, apesar de alguns cientistas conservadores naturalmente não gostarem muito dela e criticarem (alguns deles com certa razão) determinadas. “viagens” dos que ficam fascinados com os pressupostos desse novo ramo da Física. As críticas geralmente são relativas a aplicações forçadas dos princípios da Física Quântica. Em segundo lugar, é igualmente importante clarificar que a Física Quântica, em si, não se contrapõe à Bíblia. Muito pelo contrário. Seus pressupostos, quando bem entendidos, podem até dar mais luz, numa perspectiva científica, a algumas afirmações bíblicas acerca de verdades sobrenaturais, pois, a Física Quântica mostra-nos que (1) a vida é mais do que este mundo material que estamos vendo (2) existem realidades acima que estão acima daquela que a Física comum está acostumada a interpretar, realidades estas que não estão presas às leis da Física Clássica. Dessa forma, verdades como a existência da alma, a existência de Deus, a onipresença divina e o fato de Deus ser Triuno e estar além do tempo, que eram verdades que antes tínhamos dificuldade para entender por estarmos acostumados às leis rígidas de um mundo totalmente material, podem ser melhor compreendidas hoje via Física Quântica. Aliás, exatamente por essa razão, a Física Quântica também tem atraído a atenção de grupos religiosos os mais diversos, tais como os budistas e os espíritas (Daniel, 2020, p.140).

Assim, dentre as religiões delimitando-se à perspectiva do cristianismo bíblico onde as Sagradas Escrituras é a base de sua fé e sendo que a mesma contém princípios imutáveis e divinos, sendo a Bíblia plenamente suficiente como regra de fé e prática, e nessa direção e de acordo com Dicionário Bíblico Ilustrado Vida (2018, p. 237) “Os 39 livros do AT e os 27 livros do NT formam o “cânon” [...]. “Cânon” originalmente significava “vara” e veio a significar régua ou vara de medir. Nesse sentido a Bíblia é a régua ou autoridade padrão para os cristãos.”. No entanto, descobertas científicas, sobretudo no campo da física em relação ao universo que não venham contradizer esses princípios bíblicos, podem corroborar no entendimento destes, pois, isso não implica em mudar de crença, salienta Daniel (2020, p. 152-153) “Porém, tais afirmações não se chocam com as afirmações bíblicas nem apresentam nada de novo que resulte, forçosamente, em “mudança de paradigmas”, “mudança de cosmovisão” ou em uma “revolução teológica”.”. E ainda, dentro do estudo da temática nesse sentido também declara Nascimento (2018, p. 94) “... a partir do pressuposto de que o universo obedece a um conjunto de leis pré-estabelecidas por um Criador, e que o papel do cientista é exatamente desvendar estas leis, nasce exatamente da concepção cristã.”

Por fim, verifica-se que no processo que visa o entendimento dos caminhos percorridos pela ciência e pela religião, as quais são áreas distintas, ou seja, são áreas que possuem as suas próprias verdades ou princípios e campos de atuação definidos e intrínsecos e inerentes a cada uma delas. A disciplina de física destaca-se por ser um ramo da ciência que se aprofunda nas pesquisas sobre o tempo, o universo, a astronomia e outros temas e grosso modo assuntos como esses também de certa forma são fruto de pesquisas de estudiosos religiosos resguardadas as devidas alçadas ou esferas e proporções, além de ambientes característicos ou peculiares e intrínsecos à religião ou a ciência, pois são diferentes áreas.

Contudo, as recentes teorias da física quântica, dentre outras, tem contribuído para uma melhor compreensão de certas verdades religiosas, e no âmbito do cristianismo sobre afirmações bíblicas de princípios ou verdades consideradas sobrenaturais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse sucinto levantamento bibliográfico e histórico observou os processos que abrangem as áreas da ciência e da religião, e verificou-se que estas são esferas distintas uma da outra, pois embora, possuam estudos sobre temas de interesse comum a ambas, possuem princípios e verdades que não se fundem. Desta forma, embora, por vezes com o avanço e progresso nas suas respectivas pesquisas os cientistas e os religiosos cheguem a determinadas descobertas que possam divergir ou convergir em seus resultados e conclusões; e que possam de certa forma contribuir para uma melhor compreensão sobre os princípios ou verdades respectivas a cada uma delas, ainda continuam sendo diferentes uma da outra, isto é, a ciência é uma área e ocupa seu campo específico e a religião da mesma forma.

E, no que tange as suas áreas de pesquisa em comum dentre outras estão assuntos de interesse de ambas, como a astronomia, o tempo, a eternidade. Sendo que em relação as religiões, se procurou salientar o cristianismo bíblico e que em relação a ciência se procurou destacar a disciplina de Física, que em seu progresso na contemporaneidade, mostra-se relevante sobretudo em seu novo ramo que é a física quântica a qual quando bem compreendida em seus princípios corrobora para uma melhor assimilação sob o olhar científico de asseverações das Sagradas Escrituras, ou seja, de afirmações bíblicas.

Nesse ponto, observou-se que existe uma ótica cristã sobre a temática e no transcorrer dos estudos, se procurou demonstrar que esta visão não pode ser vista como um empecilho ao progresso, mas que as proposições do pensamento cristão são legítimas e até necessárias.

Finalmente, ainda se ressalta que a pesquisa foi realizada tentando demonstrar que a disciplina de física, através de seu novo ramo que é a física quântica tem um papel relevante em pesquisas que apontam para a possibilidade de uma nova realidade para além daquilo que se pode ver, propiciando na contemporaneidade uma compreensão maior de temas relacionados a ciência e também a religião.

## REFERÊNCIAS

BRAND, Chad; DRAPER, Charles; ENGLAND, Archie.(ed.). **Dicionário Bíblico Ilustrado Vida**. Tradução Carlos Caldas, Valdemar Kroker e Werner Fucks. São Paulo: Editora Vida, 2018.

BONJORNO, José R. *et al.* **Física: Mecânica, 1º ano**. 3ª ed. São Paulo: Editora FTD, 2016.

BURTNESS, James H. **Criação à nossa semelhança**: questões éticas. Revista Theologando: Fé e Ciência, São Paulo, ano III-número 3, p. 41-68, 2009.

BISCUOLA, Gualter José; DOCA, Ricardo Helou; VILLAS BOAS, Newton. **Física, volume 1**:

mecânica: ensino médio, 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2017

COPAN, Paul [et al] (org.). **Dicionário de cristianismo e ciência**: Obra de referência definitiva para a interseção entre fé e ciência contemporânea. tradução Paulo Sator Jr.- 1ª ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018

DANIEL, Silas. **A Sedução das Novas Tecnologias**: O perigo por trás de modismos como Igreja Emergente, Teologia Narrativa, Teísmo Aberto, Teologia Quântica, Ortodoxia Generosa e Evangelho da Autoajuda. Rio de Janeiro: CPAD, 2020.

DANIEL, Silas. **Reflexões sobre a Alma e o Tempo**. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

DAVIS, Edward B. **Que a cosmologia mecanicista de Isaac Newton eliminou a necessidade de Deus**. In: NUMBERS, Ronald L. (Ed.). Terra plana, Galileu na prisão e outros mitos sobre ciência e religião. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil; 2020. Cap.13. p. 159-168.

FERREIRA, Pedro Magalhães Guimarães. **A fé em Deus de grandes cientistas**. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Edições Loyola, 2009.

FUKE, Luiz Felipe; YAMAMOTO, Kazuhito. **Física para o ensino médio**, vol. 1- mecânica. 4ª ed. São Paulo: Saraiva, 2016.

GITT, Werner. **O tempo e a eternidade**. Tradução de Arthur Reinke. 1ª ed. Porto Alegre: Actual Edições, 2014.

GONÇALVES FILHO, Aurélio; TOSCANO, Carlos. **Física: interação e tecnologia**, volume 1. 2. ed. São Paulo: Leya, 2016.

JAMMER, Max. **Einstein e a religião**: Física e Teologia; tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

LIEBI, Roger. **Bíblia e Ciência, tradução de Arthur Reinke**. Porto Alegre: Chamada, 2016.

MACGRATH, Alister. **Ciência e Religião**: fundamentos para o diálogo, tradução de Roberto Covolan. 1.ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.

MARTINS, Jaziel. **A relação entre ciência e religião**. Curitiba: Intersaberes, 2017.

MORANDINI, Simone. **Teologia e Física**. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

NASCIMENTO, Valmir. **O cristão e a universidade**: um guia para a defesa e o anúncio da cosmovisão cristã no ambiente universitário. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

POLKINGHORNE, John. **Explorando a realidade**: o entrelaçamento de ciência e religião, tradução de Alessandra Siedschlag e Rogério Bettoni. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

SCHROEDER, Gerald L., **O Genesis e o Big Bang**: a descoberta da harmonia entre a ciência moderna e a Bíblia, Tradução de Carlos Afonso Malferrari. São Paulo: Editora Cultrix, 1992.

TIPLER, Frank J. **A física do cristianismo**: antigos mistérios da religião cristã revelados pela ciência moderna. Tradução de Aleph Teruya Eichenberg, Newton Robercal Eichenberg. São Paulo: Cultrix, 2010.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os membros da Igreja Evangélica Assembleia de Deus Central de Iguape-SP, que tanto me apoiam emocional e espiritualmente.

Agradeço a AYA Editora, pela oportunidade e pelo trabalho que realizam.

Agradeço a todos os meus professores e pastores que me ajudaram em meu percurso no academicismo e no crescimento do conhecimento das Sagradas Escrituras.

Agradeço sobretudo, a Deus, pois Dele vem toda sabedoria, força, coragem e inspiração.

## DEDICATÓRIA

Dedico este Trabalho à Deus, sem o qual nada podemos fazer, mas com Ele todas as coisas tornam-se possíveis, à minha esposa Ana Márcia Alves Ribeiro, mulher virtuosa, à meus pais João Mário Ribeiro e Aparecida Matias Ribeiro, exemplos de dedicação ao serviço cristão, aos meus irmãos Claudiney, Clodoaldo, Janderson, Jefferson e Miguel, ao professor Victor Giuseppe de Laurentis e sua estimada família pela alegria e ajuda sempre constantes.

## ANEXOS

1 - Fotografia de acervo particular - Praia do Leste Iguape/SP.



Então disse Jesus: “Deixem vir a mim as crianças e não as impeçam; pois o Reino dos céus pertence aos que são semelhantes a elas”. MATEUS 19.14.

# Reflexões Teológicas sobre a Diversidade Religiosa, Milagres e Esperanças

## *Theological Reflections on Religious Diversity, Miracles, and Hopes*

Guilherme Afonso Pereira Palacios

### RESUMO

Neste ensaio, adotamos uma prática comum de exegese ao construir um texto reflexivo sobre um tema específico, estabelecendo correlações com questões pertinentes ao nosso tempo. A análise crítica busca relacionar informações ao contexto contemporâneo, proporcionando uma reflexão que transcende as fronteiras temporais e conecta aos fundamentos espirituais e seus desafios. Essa abordagem visa não apenas compreender as raízes históricas, mas também aplicar os princípios de maneira significativa e relevante para entender o presente. O percurso através das reflexões teológicas nos conduz a uma análise sobre a relação entre Teologia Cultural e Teologia da Esperança. Considerando autores que atravessaram períodos de guerra e disputas ideológicas, a indagação sobre a presença de Deus em diferentes aspectos da vida e nas utopias emergentes. Dissidências e o surgimento de matrizes religiosas diferentes da fé doutrinal cristã são considerados como elementos dinâmicos e enriquecedores para a diversidade espiritual. Essas dissensões, muitas vezes representadas por irmãos que se rebelaram contra a doutrina da igreja, desempenham um papel significativo na pluralidade do cristianismo e de outras correntes religiosas, proporcionando escolhas e opções para os buscadores de um caminho espiritualista. A diversidade resultante contribui para a riqueza da tessitura religiosa, evidenciando a capacidade da compreensão sobre o cristianismo como experiência de vida ao se renovar e adaptar a diferentes contextos e épocas, portando uma mensagem de esperança.

**Palavras-chave:** busca espiritual; diversidade religiosa; exegese; espiritualidade; fé doutrinal;

### ABSTRACT

In this essay, we adopt a common practice of exegesis in constructing a



reflective text on a specific theme, establishing correlations with issues relevant to our time. The critical analysis seeks to relate information to the contemporary context, providing a reflection that transcends temporal boundaries and connects to spiritual foundations and their challenges. This approach aims not only to understand historical roots but also to apply principles in a meaningful and relevant way to comprehend the present. The journey through theological reflections leads us to an analysis of the relationship between Cultural Theology and Theology of Hope. Considering authors who went through periods of war and ideological disputes, the inquiry into the presence of God in different aspects of life and emerging utopias is explored. Dissensions and the emergence of religious matrices different from the doctrinal Christian faith are considered dynamic and enriching elements for spiritual diversity. These dissensions, often represented by brothers who rebelled against the church's doctrine, play a significant role in the plurality of Christianity and other religious currents, providing choices and options for seekers of a spiritual path. The resulting diversity contributes to the richness of the religious fabric, highlighting the ability of understanding Christianity as a life experience to renew and adapt to different contexts and times, carrying a message of hope.

**Keywords:** exegesis; religious diversity; spirituality; spiritual seeking;. doctrinal Christian faith.

## INTRODUÇÃO

A serpente disse então à mulher:

“Não, não morrereis! Mas Deus sabe que, no dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão e vós sereis como deuses, versados no bem e no mal.” (Bíblia, Gn, 3: 4-5).

Refletir sobre conceitos teológicos nos conduz aos autores e às obras que surgem a partir de estudos aprofundados ou de experiências vivenciadas, tornando-se a base para um pensamento elaborado sobre Deus. A questão central se desdobra em diversos questionamentos: Onde podemos encontrar Deus? Ele está no presente, no passado ou no futuro? Manifesta-se nas guerras ou nas alegrias da vida? Reside em nosso íntimo quando nos isolamos do mundo concreto? Ou estará nas utopias que almejamos para o bem comum da humanidade?

Essas indagações proporcionam um ponto de partida para a reflexão sobre a relação entre a Teologia Cultural e a Teologia da Esperança. Os autores dessas teologias atravessaram historicamente períodos marcados por guerras e conflitos ideológicos entre aqueles que afirmam ser os representantes de Deus na Terra. Na busca por riquezas materiais, muitos justificam seus acúmulos como algo concedido por Deus. Nesse panorama polarizado, surgem os conflitos armados [simbólicos ou reais], e os demônios se manifestam nas pessoas, pois são elas que, ao se tornarem agentes do mal, destroem a convivência social entre irmãos de sangue ou de proximidade.

A Teologia Cultural, ao examinar a interseção entre fé e cultura, busca compreender como as crenças e práticas religiosas são influenciadas pelo contexto cultural. Autores como Paul Tillich (2002), ao explorarem essa perspectiva, oferecem uma visão crítica sobre como a teologia pode ser moldada pelas dinâmicas culturais, influenciando a compreensão

de Deus e da fé.

Por outro lado, a Teologia da Esperança, representada notavelmente por Jürgen Moltmann (2012), concentra-se na esperança escatológica, no futuro redentor e na transformação da realidade. Em meio a períodos de conflito e desespero, essa teologia propõe uma visão de esperança que transcende as adversidades presentes, vislumbrando um futuro no qual a justiça e a paz prevalecerão.

Ambas as teologias, embora distintas em suas abordagens, convergem na necessidade de refletir sobre o papel da fé em contextos desafiadores e muitas vezes conflituosos. A Teologia Cultural destaca a influência da cultura na formação das crenças, enquanto a Teologia da Esperança oferece uma perspectiva que aponta para além das circunstâncias atuais, vislumbrando um futuro redentor.

Nesse contexto, a relação entre Teologia Cultural e Teologia da Esperança pode ser explorada considerando como as dinâmicas culturais influenciam a forma como concebemos Deus e como a esperança escatológica pode oferecer um horizonte de significado e propósito, mesmo diante das realidades complexas e desafiadoras do mundo.

Onde está Deus? Para Tillich<sup>1</sup>, está na Cultura como manifestação das obras humanas; nas entrelinhas, a assinatura de Deus. Nos seus cruzamentos de sentidos, a Esperança de encontrar Deus para nos salvar deste mundo imperfeito, uma utopia herdada de outros pensadores sobre o sentido da vida. Para onde apontam os fins? Para onde estaremos sujeitos a encontrar Deus por meio de Cristo na redenção de nossos pecados, uma teologia da esperança; esperança da libertação de nossas cruzes e livramento das ilusões do mundo concreto que encantam a humanidade.

A Teologia da Esperança evidencia uma abordagem teológica que se concentra na esperança cristã em relação ao futuro, especialmente no contexto da redenção e da consumação final. Essa perspectiva teológica ganhou destaque através do trabalho do teólogo alemão Jürgen Moltmann<sup>2</sup>, principalmente em sua obra “Teologia da Esperança” publicada em 1964.

A teologia da esperança parte da ideia de que a fé cristã não é apenas sobre a salvação passada (através da morte e ressurreição de Jesus Cristo) ou a experiência presente da graça divina, mas também sobre a expectativa do cumprimento final das promessas de Deus no futuro. Ela busca compreender o papel da esperança na vida cristã e como essa esperança molda a maneira como os cristãos vivem e enfrentam as adversidades.

Para ambas as teologias, da Cultura e da Esperança, a *práxis* nos move para um

<sup>1</sup> Paul Tillich (1886-1965) foi um teólogo e filósofo existencialista alemão que se destacou como um dos principais expoentes da Teologia da Cultura. Sua abordagem visa integrar a teologia com as questões culturais e existenciais de sua época. A Teologia da Cultura de Tillich busca integrar a fé e a cultura, reconhecendo a importância dos símbolos religiosos, incentivando a reinterpretar constantemente esses símbolos à luz das mudanças culturais, e proporcionando coragem para enfrentar os desafios existenciais. Essa abordagem visa promover uma relação dinâmica entre a tradição religiosa e as expressões culturais contemporâneas.

<sup>2</sup> Jürgen Moltmann é um teólogo alemão nascido em 1926, conhecido por suas contribuições significativas para a teologia contemporânea. Ele é especialmente reconhecido por sua obra inovadora na área da teologia da esperança. Moltmann desenvolveu suas ideias durante o contexto pós-Segunda Guerra Mundial, buscando responder a questões teológicas e existenciais diante dos horrores da guerra e da busca por sentido em meio ao sofrimento.

A principal obra de Moltmann que lhe trouxe notoriedade é “Teologia da Esperança” (1964), na qual ele aborda a dimensão escatológica da fé cristã, destacando a importância da esperança como elemento central da teologia.

fim de descoberta das pistas sagradas deixadas na cultura de forma incondicional para ser uma espera escatológica do retorno daquele que nos deixou neste mundo humano. Agindo na história e na cultura como manifestações da promessa de retorno de Cristo, ou melhor dizendo, de nosso encontro com Cristo.

Recentemente, temos testemunhado como as religiões podem desempenhar um papel político e exercer influência significativa na sociedade, um impacto cultural que gera esperanças, muitas vezes causando divisões e desentendimentos ao criar um ambiente polarizado. Isso não contribui para a manutenção da paz e harmonia, gerando discórdias e tornando-se fonte de conflitos para aqueles que seguem fielmente as palavras de seus líderes religiosos, às vezes resultando em comportamentos violentos que não expressam valores cristãos.

Os conceitos de solidariedade e justiça social frequentemente são associados a tendências progressistas, rotuladas como “esquerda”. No entanto, vivemos em um cenário onde narrativas verdadeiras ou falsas são constantemente apresentadas, cada uma defendendo seu ponto de vista e moldando o entendimento do mundo de acordo com uma perspectiva muitas vezes egocêntrica, pouco contribuindo para a construção de um mundo pacífico.

Cícero<sup>3</sup>, ao abordar a religião, a define como uma “cuidadosa veneração dos deuses”, destacando a prática religiosa como um respeito reverente, submisso e zeloso pelos princípios e valores sagrados. Essa abordagem permite que as religiões desempenhem um papel de doutrinação, incentivando virtudes morais, éticas e uma atitude compassiva, guiando as pessoas para o respeito e valorização da vida humana. Muitas vezes, essa orientação é expressa através de contribuições financeiras, como dízimos, para a igreja.

Lactâncio<sup>4</sup> propõe uma visão diferente, sugerindo que a religião vá além das aparências sensíveis, sendo uma “religação do ser humano com Deus”. Nesse sentido, a religião é vista como uma busca contínua e infinita pela conexão espiritual, proporcionando paz interior e equilíbrio emocional, conferindo um propósito e significado à vida.

As religiões, conforme os conceitos clássicos de Cícero e Lactâncio, desempenham um papel significativo na construção de um mundo de paz e não violência, proporcionando contribuições valiosas para a solidariedade e justiça social na sociedade contemporânea.

A partir desses conceitos, podemos analisar as diversas contribuições que o termo “religião” pode assumir e como as religiões, de diferentes formas, podem contribuir para a construção de um mundo de paz e não violência na sociedade contemporânea.

Inicialmente, observamos que as religiões, historicamente, têm se preocupado com a gestão de seus recursos para se manterem. Muitos líderes religiosos, frequentemente provenientes de classes abastadas, utilizam suas idiossincrasias para impulsionar

3 A obra citada de Cícero é “De Natura Deorum” (“Da Natureza dos Deuses”), uma obra filosófica escrita no século I a.C. Neste diálogo, Cícero explora as visões das escolas filosóficas romanas sobre a natureza dos deuses. A obra apresenta um diálogo entre representantes das três principais escolas filosóficas da época: epicuristas, estóicos e acadêmicos.

4 A obra citada de Lactâncio é “Divina e Institutiones” (“Instituições Divinas”), uma obra escrita no século III d.C. Lactâncio, também conhecido como Lactâncio Firmiano, foi um autor cristão e retórico latino.

Em “Divina e Institutiones”, Lactâncio aborda temas relacionados à teologia cristã e defende a fé cristã como uma verdadeira “religio” que significa “religação do ser humano com Deus”. Ele explora conceitos cristãos fundamentais, como a natureza de Deus, a redenção e a relação entre a humanidade e o divino. A obra é influente na tradição cristã ocidental e oferece uma visão da teologia cristã nos primeiros séculos após a era apostólica. Lactâncio busca fornecer uma base racional e filosófica para a fé cristã, respondendo a críticas e apresentando argumentos em defesa do cristianismo.

mecanismos de doutrinação que visam promover a educação moral e ética. Ao fortalecer valores fundamentais, as religiões constroem um mundo que segue suas normas e dogmas, orientando comportamentos pacíficos e promovendo o bem comum de seus seguidores.

Além disso, as religiões poderiam desempenhar um papel conciliador, promovendo diálogos inter-religiosos e incentivando a compreensão mútua e a tolerância religiosa. Por meio desse diálogo, buscam-se pontos comuns, superando preconceitos e estereótipos, contribuindo assim para a promoção da paz e justiça social.

Numa perspectiva mais genuína e desinteressada, próxima dos valores de religar a Deus, as religiões oferecem apoio espiritual e emocional, especialmente em momentos de adversidade, sem buscar recompensas materiais por ser fraterna e solidária. Esse tipo de caridade espiritual, em conformidade com os ensinamentos de Jesus Cristo, proporciona consolo, esperança e encorajamento, auxiliando as pessoas a lidarem com seus sofrimentos e superarem conflitos pessoais, promovendo assim a paz interior que, por sua vez, contribui para a paz nas relações interpessoais e sociais.

## **ENTRE VERDADES E DESAFIOS, UMA REFLEXÃO SOBRE A SÍNTESE TEOLÓGICA E A BUSCA PELA LIBERDADE ESPIRITUAL**

O questionamento sobre a possibilidade de comprar nossa liberdade espiritual abre uma discussão complexa, especialmente quando consideramos a síntese teológica. Nesse contexto, a busca pela Verdade torna-se crucial, pois estamos sujeitos a julgamentos, tanto por parte dos homens quanto por Deus, dependendo da direção que escolhemos seguir.

A síntese teológica, ao contrário de ser apenas um sermão ou uma retórica bem elaborada, pode manifestar-se de diversas formas, como um texto doutrinário ou até mesmo um ensaio teológico que busca defender pontos de vista na busca pela Verdade da Palavra de Deus. No entanto, ao analisarmos a abordagem de uma perícopes e a realização de exegese, percebemos as complexidades envolvidas, incluindo as múltiplas versões da Bíblia que foram reescritas ou direcionadas ao longo do tempo.

Muitas dessas versões foram influenciadas por fatores político-religiosos, resultando em traduções e modificações que refletem a orientação de quem estava no poder. As descobertas, como os papiros do Mar Morto, revelam outras versões que foram deixadas de lado, muitas vezes consideradas místicas ou gnósticas. Isso levanta questões sobre a veracidade das interpretações e a complexidade da busca pela Verdade.

Ao abordar as diferentes versões da Bíblia, é inevitável confrontar a influência humana, sujeita a manipulações para atender a interesses pessoais ou de comunidades religiosas específicas. A omissão de fatos bíblicos em algumas versões levanta preocupações sobre a transparência e a busca pela verdadeira narrativa. Este cenário muitas vezes leva à polarização, ao ciúme, à prepotência e ao desejo de poder, criando conflitos entre aqueles que se auto proclamam como os únicos porta-vozes de Deus.

A síntese teológica sobre escritos sagrados pode causar discórdias, especialmente quando reproduzida de forma desconexa com a realidade e o plano espiritual. A deturpação da Palavra de Deus, frequentemente utilizada para benefício próprio, revela práticas que

buscam enganar as pessoas em troca de perdão ou prosperidade material. Nesse contexto, questiona-se o verdadeiro preço a ser pago para esquecer as faltas e receber a indulgência divina, como um milagre de transmutação dos pecados em boas obras.

A evangelização, como meio de conversão e purificação do coração, a aceitação dos ensinamentos de Jesus Cristo, destaca-se como um mistério difícil de ser compreendido por aqueles que buscam uma vida hedonista. A comunhão cristã, fundamentada na transformação da personalidade e na aceitação do Espírito Santo como guia, contrasta com a busca hedonista da prosperidade, onde o prazer e o materialismo sobrepõem-se à promessa de vida eterna.

Nesse cenário, a verdadeira coroa dos escolhidos por Deus, como porta-vozes da boa nova, contrasta com as coroas que os homens criam para si mesmos. O verdadeiro templo de Deus, construído em nós mesmos, requer uma conversão das atitudes, edificando uma obra que reflete os ensinamentos de Jesus Cristo.

Diante disso, a busca pela Verdade e a compreensão da obra divina tornam-se desafios que transcendem a mera aquisição de liberdade espiritual, envolvendo a transformação interior e o comprometimento com uma vida alinhada ao se aproximar de princípios divinos que são desvelados na caminhada espiritual por toda a vida. No contexto do sincretismo religioso, essa busca pela Verdade se manifesta na escolha de símbolos espirituais e na exploração de diferentes tradições religiosas como meio de se conectar ao sagrado.

O sincretismo, ao mesclar elementos de diversas crenças, reflete a busca por uma expressão espiritual mais flexível e inclusiva. Ao incorporar “deuses” em suas qualidades e semelhanças, os praticantes espiritualistas captam partes do Deus Criador. Eles reconhecem a diversidade de manifestações do divino e buscam uma compreensão mais abrangente das forças cósmicas que permeiam o universo.

Assim como a aquisição de liberdade espiritual é vista como um desafio que vai além da simples adesão a doutrinas religiosas, a transformação interior promovida pelo sincretismo envolve uma jornada pessoal em direção à compreensão mais profunda da espiritualidade. A escolha de símbolos, a reverência a deuses diversos e a exploração de tradições diversas são elementos que compõem esse caminho, destacando a riqueza e a complexidade das experiências espirituais vivenciadas no dia a dia.

Em ambos os contextos, a busca pela Verdade e a prática do sincretismo refletem a aspiração humana por uma conexão mais autêntica com o divino, onde a liberdade espiritual é conquistada não apenas por meio de dogmas preestabelecidos, mas pela exploração, compreensão e vivência das diversas facetas e nomes do sagrado.

O sincretismo religioso surge como um meio de religar ao Sagrado, garantindo a preservação dos ensinamentos dos ancestrais em suas matrizes originais, mas sob uma roupagem diferente, a fim de evitar perseguições e intolerâncias religiosas. Entretanto, é importante compreender que o plano espiritual não está submetido exclusivamente aos desejos humanos.

Nesse contexto, as vibrações espirituais e os sentimentos associados a essas

práticas são fundamentais quando direcionamos nossas intenções a determinados símbolos espirituais, sejam eles orixás, budas, santos ou santas, e outros que pertencem a seu lugar histórico-cultural. A escolha dessas representações simbólicas muitas vezes reflete a busca por uma conexão mais profunda com o divino, transcendendo as fronteiras estabelecidas por doutrinas específicas.

Ressaltamos que, ao considerar deuses como semelhança ao criador, percebemos que cada entidade divina desempenha funções espirituais específicas em determinados Reinos Divinos, reverberando suas vibrações espirituais para influenciar aspectos particulares da existência. Essas divindades, independentemente de suas formas culturais ou simbólicas, são vistas como canais para acessar as energias cósmicas que permeiam o universo em suas sutilezas espirituais.

O sincretismo, ao mesclar elementos de diferentes tradições religiosas, busca uma expressão mais flexível e inclusiva da espiritualidade. Em uma tentativa de conciliar crenças diversas, reconhecendo a pluralidade de caminhos para o sagrado. No entanto, é crucial reconhecer que, independentemente das roupagens culturais ou simbólicas, o plano espiritual transcende as limitações humanas e não está sujeito totalmente às construções e intenções humanas conforme o pensamento racional e científico.

Ao adotar práticas sincretistas, os indivíduos buscam uma forma única de conexão espiritual que ressoa com suas experiências e necessidades pessoais. Incorporar deuses como semelhança ao criador destaca a diversidade das divindades em suas funções e propósitos, proporcionando um entendimento mais amplo da complexidade do sagrado. O sincretismo, embora forneça uma abordagem inclusiva, também destaca a riqueza e a diversidade das experiências espirituais ao longo da história e em diferentes culturas.

## **TENSÕES ESPIRITUAIS, NAVEGANDO ENTRE FIDELIDADE RELIGIOSA E A BUSCA POR CONFORTO ESPIRITUAL**

Durante a Europa do mercantilismo, que se estendeu aproximadamente do século XV ao XVIII, as navegações desempenharam um papel crucial no comércio entre os povos. Do Oriente, eram importados bens valiosos como seda e especiarias, que não estavam disponíveis no continente europeu. Para otimizar as rotas comerciais, reduzir custos e evitar taxações de tráfego no Mar Mediterrâneo, em lugares como Gênova e Veneza, além de prevenir ataques de navios piratas provenientes da Inglaterra ou do Oriente Médio, tentou-se encontrar caminhos alternativos para as Índias.

Essas explorações marítimas ocorreram principalmente nos séculos XV e XVI, tendo como objetivo não apenas encurtar as viagens comerciais e garantir o monopólio de determinadas mercadorias valiosas, mas também explorar terras desconhecidas em busca de riquezas e recursos naturais. Os exploradores, financiados por monarcas europeus e comerciantes, visavam expandir o domínio de suas nações, encontrar novas rotas comerciais e, muitas vezes, converter povos indígenas ao cristianismo. A descoberta de novas rotas para as Índias, que resultou na chegada às Américas, trouxe consigo mudanças significativas no cenário global, inaugurando um período de intercâmbio cultural e econômico conhecido como a Era dos Descobrimentos.

As navegações da Espanha e de Portugal, em busca de novas rotas para as Índias, resultaram na descoberta da América e do Brasil. Esse encontro marcou o início da exploração e colonização dessas terras, habitadas pelos povos originários com culturas distintas das europeias.

Os países ibéricos, Espanha e Portugal, possuíam o catolicismo como religião oficial, com o Papa de Roma como figura central. Para justificar a exploração de novos territórios, encontraram na religião católica uma maneira de propagar as doutrinas do Evangelho, apresentando-as como uma missão de evangelização dos povos além de suas fronteiras.

A exploração, no entanto, acabou se tornando mais do que uma missão religiosa de catequese ou de espalhar o Evangelho aos quatro cantos do mundo. Muitos exploradores eram, na realidade, saqueadores em busca das riquezas naturais das terras recém-descobertas. Praticavam a violência contra as populações locais, exploravam mulheres, demonstravam intolerância religiosa e visavam principalmente a obtenção de ouro e prata para enriquecer as metrópoles europeias, Espanha e Portugal.

Essa exploração, disfarçada sob o pretexto da evangelização, revelou-se, em muitos casos, como uma busca desenfreada por riquezas e poder, resultando em consequências desastrosas para as comunidades indígenas e africanas que foram destituídas de suas culturas e religiosidades. O impacto nefasto dessas práticas colonizadoras ainda reverbera nos dias de hoje, manifestando-se em desigualdades sociais, marginalização e na preservação de estigmas históricos. Essa perspectiva mais crítica sobre as motivações dos exploradores evidencia a complexidade e as contradições desse período na história global.

## Fronteiras simbólicas nas experiências religiosas

No âmago dos espaços sagrados<sup>5</sup>, a escolha de entrar ou evitar certos espaços transcende a ação física, envolvendo uma dimensão espiritual que aguarda aqueles corajosos o suficiente para cruzar fronteiras simbólicas. Posteriormente, ao deixar esses templos, o espírito clama por purificação, revelando um alerta que vai além da mera intolerância, penetrando nas tradições Abraâmicas e em outras Matrizes Religiosas.

Esse dilema destaca a dualidade intrínseca entre o sagrado e o profano, desafiando os crentes a confrontarem não apenas a materialidade do espaço, mas também a pureza de suas próprias intenções. A fronteira simbólica não apenas delimita a entrada física, mas também serve como um divisor entre o terreno espiritual e o mundano.

Dentro dessa dinâmica, a necessidade de purificação após a experiência sagrada ressalta a percepção de que a conexão com o divino deixa uma marca no ser, exigindo um retorno à pureza e à reflexão espiritual. Esse alerta transcende as tradições Abraâmicas, alcançando outras Matrizes Religiosas, sublinhando a universalidade da busca por transcendência e purificação em face do sagrado.

No entanto, é imperativo reconhecer que, historicamente, essas fronteiras simbólicas muitas vezes foram instrumentalizadas para promover a intolerância religiosa e o preconceito, especialmente em relação aos povos indígenas e africanos. A segregação e

<sup>5</sup> *Profano e Sagrado: Eliade diferencia entre o espaço sagrado, que é carregado de significado religioso, e o espaço profano, que é ordinário e não possui a presença do sagrado. Argumenta que a busca pelo sagrado está no cerne da experiência religiosa.*

a marginalização desses grupos foram justificadas sob o pretexto de diferenças religiosas, perpetuando um ciclo de discriminação que persiste até os dias de hoje. A reflexão sobre a espiritualidade, nesse contexto, deve também confrontar as sombras do preconceito e trabalhar para uma compreensão mais inclusiva e respeitosa do sagrado em todas as suas manifestações.

Detalhes meticulosamente concebidos, como cantos, imagens e vestimentas, ecoam como mensagens profundas destinadas a transformar a psique dos devotos. Esse fenômeno ressoa especialmente em lugares sagrados, onde cada elemento é projetado para internalizar uma mensagem única, refletindo as doutrinas como expressão da fé.

Cada canto entoado, cada imagem cuidadosamente colocada e cada vestimenta ritualisticamente utilizada atuam como veículos simbólicos que transcendem a mera estética. Eles se entrelaçam para criar uma narrativa sensorial ao religar em outras dimensões os que mergulham em sintonia, os fiéis pertencem a um estado de contemplação e reverência. Os detalhes meticulosos não são apenas ornamentos; são portadores de significados profundos, codificando a espiritualidade em formas tangíveis e sentidas no corpo biológico.

A expressão “dois corpos em sintonia quântica” refere-se à ideia de que dois objetos ou sistemas estão interconectados de uma maneira que transcende a compreensão clássica da física, adentrando o domínio da mecânica quântica<sup>6</sup>. Na física quântica, a sintonia quântica ou entrelaçamento quântico descreve um fenômeno no qual as propriedades de duas partículas estão intrinsecamente ligadas, independentemente da distância que as separa.

De acordo com o princípio da superposição quântica, as partículas podem existir em múltiplos estados simultaneamente. Quando duas partículas estão entrelaçadas, o estado de uma partícula está diretamente relacionado ao estado da outra, mesmo que estejam separadas por grandes distâncias. Isso significa que as mudanças em uma partícula afetarão instantaneamente a outra, desafiando a noção clássica de causalidade.

Em lugares sagrados, essa atenção meticulosa aos detalhes não é apenas uma expressão artística, mas uma ferramenta para moldar a experiência religiosa. Cada elemento é uma mensagem em si mesma, uma representação visual e sonora das crenças e ensinamentos fundamentais. O propósito é claro: penetrar nas mentes dos devotos, deixar uma impressão duradoura e catalisar transformações psicológicas e espirituais. Essa prática visa não apenas à estética visual, mas também a uma imersão sensorial que transcende a mera observação, buscando envolver os fiéis de maneira profunda e significativa. Esses detalhes meticulosos têm o poder de criar uma atmosfera que influencia não apenas a compreensão intelectual, mas também a experiência emocional e espiritual, contribuindo para a formação da identidade religiosa e para a construção de significado na jornada espiritual dos praticantes.

<sup>6</sup> John Polkinghorne, em “Quantum Theory: A Very Short Introduction” (Teoria Quântica: Uma Breve Introdução), publicado pela Oxford University Press em 2002, oferece uma visão concisa e acessível da teoria quântica. O autor, que é físico e teólogo, explora os princípios fundamentais da teoria quântica, apresentando conceitos como dualidade onda-partícula, incerteza, superposição e entrelaçamento.

Polkinghorne aborda a natureza peculiar do mundo quântico e como ela difere da intuição clássica. Ele discute a ideia de que as partículas podem existir em múltiplos estados simultaneamente, o papel da observação na alteração do estado quântico, e a interconexão de partículas entrelaçadas, independentemente da distância entre elas. Destaca a influência da teoria quântica em nossa compreensão da realidade e a relevância filosófica e teológica das descobertas quânticas.

Assim, o sagrado se manifesta não apenas nas palavras proferidas, mas nos detalhes minuciosos que permeiam o ambiente sagrado. Essa abordagem reflete a compreensão de que a fé não é apenas uma questão intelectual, mas uma jornada sensorial e emocional. Ao projetar lugares sagrados dessa maneira, as tradições religiosas buscam criar espaços que não apenas representem, mas vivifiquem a espiritualidade, tocando a alma através da beleza e significado contidos nos detalhes concebidos com cuidado.

O ambiente de culto, assemelhando-se a um oráculo espiritual, ostenta o poder de transmitir ensinamentos e influenciar profundamente a espiritualidade dos praticantes. Contudo, a restrição de acesso a determinados espaços vai além da mera segregação religiosa, assumindo a forma de uma salvaguarda destinada a preservar a pureza espiritual e a singularidade inerente a cada tradição. Esse controle sobre o acesso é uma maneira de proteger a integridade e a autenticidade das práticas religiosas, garantindo que o ambiente sagrado permaneça imaculado e alinhado com os princípios fundamentais de cada fé doutrinal<sup>7</sup>.

A proibição de entrar em recintos alheios à própria fé ressoa como um eco da conexão intrínseca entre o espaço sagrado, o ritual e a identidade religiosa. Num mundo onde as mensagens divinas entrelaçam-se com os locais de adoração, compreender esse impacto psicológico destaca a necessidade de proteger a integridade espiritual.

As advertências durante os cultos criam resistência e intolerância, moldando a crença de que há apenas um local de salvação. Essas restrições tornam-se obstáculos profundamente enraizados nas influências espirituais dos domínios sagrados, seja nas tradições Abraâmicas ou em outras.

Entretanto, em momentos de dor ou desespero, quando a fé habitual não oferece alívio, busca-se consolo em outros lugares sagrados. Se encontramos conforto, muitas vezes nos tornamos seguidores dedicados, estabelecendo conexões profundas com essas práticas alternativas.

Essa dinâmica cria tensões perceptíveis para líderes religiosos, receosos de perder seguidores ao permitir explorações em outras crenças. O medo de que a busca por alívio em diferentes tradições resulte na perda de membros da comunidade gera resistência à compreensão inter-religiosa.

Assim, a hesitação em aceitar a exploração espiritual fora dos limites da religião estabelecida é motivada pelo temor de perder a fidelidade dos seguidores. Nesse equilíbrio entre preservar a identidade religiosa e abrir-se para a diversidade espiritual, líderes religiosos enfrentam o desafio de manter uma base sólida de seguidores, reconhecendo a busca humana por consolo em diferentes caminhos espirituais.

**Mas também há o receio de ter cometido algo que o desaprove perante o Deus**

*7 A "fé doutrinal" refere-se à adesão e confiança em um conjunto específico de doutrinas ou ensinamentos religiosos. Em termos simples, é a crença e aceitação das doutrinas, dogmas e princípios que compõem a estrutura teológica de uma determinada religião ou tradição religiosa. Essas doutrinas muitas vezes incluem afirmações sobre a natureza de Deus, a origem da humanidade, os propósitos da vida, a moralidade, entre outros aspectos fundamentais da fé.*

*Na prática, a fé doutrinal implica que os seguidores de uma religião aceitam e crêem nas verdades e ensinamentos específicos que essa religião apresenta. Essa fé é muitas vezes transmitida por meio de textos sagrados, tradições orais, ensinamentos de líderes religiosos e práticas rituais.*

*A fé doutrinal pode desempenhar um papel central na vida religiosa das pessoas, influenciando suas crenças, práticas e comportamentos. É a base sobre a qual os crentes constroem sua compreensão do divino e do propósito da vida, moldando assim sua identidade espiritual e moral.*

construído em seu pensamento, ou situações cotidianas que apontem para um temor em relação ao seu Senhor. Esses momentos de apreensão revelam uma preocupação constante em manter-se alinhado com as expectativas divinas, refletindo uma busca contínua pela aprovação espiritual.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O legado deixado por Jesus Cristo na sociedade foi de extrema importância, cumprindo sua missão messiânica ao trazer a palavra de Deus em uma Nova Aliança após sua ressurreição, oferecendo remissão dos pecados àqueles que aceitassem a fé e convertessem seus corações, visando eliminar as máculas e pecados do mundo.

Nessa perspectiva, os impactos na sociedade foram profundos, resultando na formação de uma igreja fundamentada na fé doutrinal em Cristo como o único filho de Deus e messias salvador. Esse legado plantou a semente da esperança, buscando transformar a realidade desde os tempos antigos até os dias atuais.

Ao longo da história, enfrentamos momentos críticos, como a aceitação política e econômica da escravidão, intensificada desde a época de Jesus e persistindo até meados do século XVII, especialmente no Brasil. A catequização e imposição da cultura europeia cristã aos nativos das Américas também foram desafios, refletindo preocupações ligadas à salvação da alma.

Apesar das falhas humanas, observamos avanços notáveis, como o progresso na escolarização, impulsionado pela organização religiosa da Igreja Católica Romana, além do desenvolvimento científico e transformações sociais que marcaram a transição de um mundo artesão para uma sociedade industrializada, do medieval para o pós-moderno.

Além das manifestações de milagres na tradição cristã, é importante reconhecer que muitas outras religiões também relatam experiências de eventos extraordinários e sobrenaturais. A crença em “milagres” não é exclusiva de uma única fé doutrinal, pois encontramos relatos em diversas tradições religiosas sobre intervenções divinas; assim, Deus ou o Divino transcende as fronteiras das doutrinas de origem Abraâmicas.

Em um contexto inter-religioso, percebemos que a busca por conexão com o sagrado e a experiência de eventos miraculosos são compartilhadas por diversas comunidades espirituais. O reconhecimento de milagres em diferentes religiões destaca a compreensão de que Deus está além das barreiras denominacionais e se manifesta de maneiras diversas, de acordo com as nuances de cada tradição.

Essa perspectiva ressalta a universalidade da experiência humana de busca pelo divino, enfatizando que as manifestações do sagrado podem ocorrer em várias formas e contextos. A abertura para reconhecer milagres em diferentes tradições religiosas promove o diálogo inter-religioso e a compreensão mútua, evidenciando a transcendência divina que une, em vez de dividir, as diversas expressões espirituais ao redor do mundo.

As divergências teológicas e práticas que levaram à formação de novas denominações, refletem a busca por uma compreensão mais autêntica e pessoal da

fé, muitas vezes impulsionada por interpretações individuais das Escrituras e visões específicas sobre a prática religiosa e a vida de um verdadeiro cristão em sociedade. Portanto, enquanto as dissidências podem ser vistas como desafios à unidade aparente da igreja, também representam uma manifestação dinâmica da fé e uma busca contínua por uma compreensão mais profunda e autêntica do relacionamento com Deus.

Infelizmente, houve distorções e interpretações equivocadas da palavra de Deus, levando, em alguns momentos, ao afastamento de Deus. No entanto, em outros, a missão de Cristo se cumprirá ao resgatar o mundo secularizado por meio do Espírito Santo, de Cristo e da palavra de Deus. Onde há ênfase na dignidade humana, seja a prática decorrente de sermos à imagem de Deus, ao contribuir para o cuidado e preservação de si e das demais criações de Deus.

As distorções na interpretação da palavra de Deus, que por vezes afastam as pessoas de uma compreensão mais profunda e autêntica, foram confrontadas por movimentos de reforma e contra reforma, uma constante renovação da história cristã para buscar resgatar os princípios fundamentais da fé, ao promover um retorno à simplicidade e compreensão da Verdade contida nas Boas Novas do Evangelho.

Apesar das vicissitudes, a mensagem de Cristo continua a inspirar indivíduos e comunidades a se engajarem em obras de caridade, justiça social e busca pela paz. O legado de Jesus Cristo persiste como uma fonte de esperança e orientação, convidando as pessoas a refletirem sobre seu papel na construção de um mundo mais justo e compassivo, alinhado aos princípios do Evangelho. Também, encontramos a palavra de Deus em Centros espíritas, Terreiros de origem africanas ou indígenas, Templos budistas, Xintoístas e Religiões da Nova Era. Inclusive, onde menos esperamos encontrar, pois Deus é onisciente, onipresente e onipotente.

## REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.

CÍCERO, Marcos Túlio. **A natureza dos deuses**. Uberlândia: Edufu, 2016. 496 p. (5). Tradução e notas de Bruno Fregni Bassetto.

ELIADE, Mircea. **The Sacred and the Profane: The Nature of Religion**. New York : Harper and Row, c. 1957.

MOLTMANN, Jürgen. **Ética da esperança**. Trad. Vilmar Schneider. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

\_\_\_\_\_. **O caminho de Jesus Cristo: cristologia em dimensões messiânicas**. Trad. Ilson Kayser. Santo André, SP: Academia Cristã, 2009.

\_\_\_\_\_. **O Deus crucificado: a cruz como base e crítica da teologia cristã**. Trad. Juliano Borges de Melo. Santo André, SP: Academia Cristã, 2014.

POLKINGHORNE, John. **Quantum Theory: A Very Short Introduction**. Oxford University Press, 2002.

TILLICH, Paul. **Dinâmica da fé**. 7. ed. Trad. de Walter. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

\_\_\_\_\_. **História do pensamento cristão**. Trad. Jaci Maraschin. 2. ed. São Paulo: ASTE, 2000.

\_\_\_\_\_. **Teologia sistemática**. Trad. Getúlio Bertelli e Geraldo Korndörfer. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

## Uma reflexão eclesiológica: promessas àqueles que desempenharem bem o diaconato

**Flávia Bastos Pimenta Souza**

*Mestranda em Educação, Arte e História da Cultura – Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM – São Paulo – SP (2022 – 2024); Pós-Graduada em Psicologia Escolar (FARO/2007); Licenciada em Artes Visuais (UNIASSELVI/2014) e Licenciada em Pedagogia (UNIR/2006)*

**Jackson de Souza Santos**

*Doutorando em Educação, Arte e História da Cultura – Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM – São Paulo – SP (2024-2027); Doutor em Ministério (RTS e CPAJ/2018); Mestre em Educação, Arte e História da Cultura – Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM – São Paulo – SP (2023); Pós-Graduado em Supervisão Escolar (FACUMINAS/2023); Pós-Graduado em Gestão Escolar (FACUMINAS/2024); Pós-Graduado em Psicologia Escolar (FARO/2007); Bacharel em Teologia (SPNB/2010) e Licenciado em Pedagogia (UNIR/2006)*

### RESUMO

O presente estudo busca apresentar respostas eclesiológicas quanto aos questionamentos oriundos do texto das Escrituras Sagradas em 1Timóteo 3.13 quando o apóstolo Paulo ao escrever para seu discípulo e filho na Fé Timóteo e dar-lhe orientações quanto a escolha de Presbíteros e Diáconos, expõe, de forma parenética, contudo, como trazendo-lhe uma promessa de recompensa caso o mesmo e demais oficiais da igreja desempenhassem bem o diaconato. Segundo o texto bíblico tais oficiais alcançarão uma justa preeminência e muita intrepidez na fé em Cristo Jesus, enfatizando, que devem servirem bem o seu ofício. No presente ensaio buscou-se investigar a maior quantidade possível de autores que tratam do mesmo assunto bem como comentaristas que se posicionam em prol do versículo em foco, todavia, não se pretende esgotar a pesquisa quanto ao assunto podendo ser alargada em momento posterior. Entretanto, o que consta na presente pesquisa, ainda que não tão amplo, contudo, por ora, serve aos leitores e pesquisadores para que tenham uma boa consideração sobre o tema; a expectativa é que esta breve pesquisa contribua de forma considerável para ensino e capacitação eclesiológica.

**Palavras-chave:** serviço cristão; diaconato; preeminência e intrepidez.

### INTRODUÇÃO

O Texto bíblico que se pretende investigar aqui, trata-se, de 1 Timóteo 3.13 quando Paulo em sua parênese ao seu amado discípulo Timóteo, logo na primeira epístola que lhe enviou, entre tantos conselhos eclesiológicos, afirma:



(Texto em Português – ARA)

“Pois os que desempenharem bem o diaconato alcançam para si mesmos justa preeminência e muita intrepidez na fé em Cristo Jesus”.

(Texto em Grego)

“οι γαρ καλως διακονησαντες βαθμον εαυτοις καλον περιποιουνται και πολλην παρρησιαν εν πιστει τη εν χριστω ιησου”

Será, então, objeto da pesquisa neste ensaio o texto bíblico supracitado com as devidas ênfases nos termos mais relevantes para uma eficaz compreensão do sentido do texto bem como a possibilidade de extração de uma mensagem ou estudo que seja possível aplicar na prática eclesiológica atual, em especial, no desenvolvimento do ministério e do ofício do diaconato.

Quando olhamos para o contexto do assunto elucidado vemos o Apóstolo Paulo trazendo preciosos conselhos àquele que considerava seu “verdadeiro filho na fé”. Ele principia a primeira epístola com a tônica de que Timóteo, como soldado arregimentado no Exército do Redentor, para tornar-se um atalaia eficiente deveria “Combater o Bom Combate” - 1 Tm 1.1-20 – Veja a sua Saudação (1.1-2). Ao escrever para encorajar o jovem Timóteo, Paulo assume dois papéis: o de Apóstolo e o de “pai” espiritual. Como apóstolo “pelo mandato de Deus”, suas palavras carregam a autoridade da revelação divina, e devem ser obedecidas como sendo de Deus (1 Co 14.37). Como “pai” escrevendo para seu “verdadeiro filho na fé”, suas palavras têm um tom de afeição e oferecem conforto, mesmo sendo entremeadas de exortações.

A Sequência à saudação Paulo aproveita para alertar seu verdadeiro filho da fé contra as doutrinas falsas (1 Tm 1.3-11). Paulo lembra Timóteo do propósito do seu trabalho como evangelista em Éfeso: corrigir o erro, isto é, resgatar a sã doutrina. Por certo, algumas pessoas estavam deixando de ensinar a doutrina de Cristo e passado a comunicar outra doutrina que foram chamadas também de “fábulas e genealogias”. Por causa destas coisas, alguns não estavam crescendo no “serviço de Deus”, mas estavam se perdendo em discussões inúteis (1.3-4).

Na instrução dada por Paulo vê-se claramente que Timóteo precisava exortar a igreja acerca: do amor pela verdade, de um coração puro e de uma consciência boa, além de uma fé sem hipocrisia (1.5). Onde não há amor pela verdade de Deus e pelas pessoas que precisam da salvação, a consciência se engana, e ao seguir e ensinar com fervor as doutrinas de homens, a fé e as obras se tornam vãs e hipócritas. Esta é uma dura e triste realidade ainda em nosso tempo.

Para o Apóstolo Paulo a doutrina santa de Deus visa a correção dos que erram, e não a criação de polêmicas e discussões (1.8-11; II Tm 3.16). Quem discute a doutrina de Deus sem primeiramente ouvi-la e obedecê-la comete um grande erro. Era o maior desejo de Paulo para Timóteo que este vivesse com muito cuidado em seu falar e praticar ousadamente somente a doutrina que o Senhor havia relevado do seu evangelho.

Ninguém sabia mais sobre engano do que o próprio apóstolo Paulo. Ele acreditava estar fazendo o que era reto perante Deus, mas na sua ignorância e incredulidade, ele perseguia com fervor a igreja do Senhor (1.12-13; At 8.1-3; 9.1-2). Porém, pela graça de

Deus através do evangelho, até este “principal” dos pecadores recebeu perdão quando creu “para a vida eterna” (1.14-17). O evangelho que salvou Paulo não incluiu a doutrina de “certas pessoas” em Éfeso! Era este o evangelho que Timóteo precisava pregar, confiante no poder dele tanto para corrigir erro como salvar os que nele creem (Rm 1.16-17).

Quando lemos o segundo capítulo da primeira epístola do Apóstolo Paulo a Timóteo percebemos sua instrução quanto a prática de oração (2.1-8). Visto que Timóteo precisava de firmeza na luta contra as falsas doutrinas (1.3-20), Paulo o exortou que começasse “antes de tudo” orando (2.1). Jesus falou muito da importância de oração (Mc 9.14-29; Lucas 18.1-8), e oração constante é evidente nas vidas dos seus discípulos (At 1.12-14; 4.23-31).

Paulo exortou a Timóteo que praticasse a oração em todas as suas formas: súplicas, que são os pedidos específicos, baseados em necessidades. Timóteo precisava de coragem para pregar apenas a verdade; então devia orar, isto é, falar palavras direcionadas a Deus. A oração é uma conversa com o Pai celeste, o Criador do universo.

Além disso, o conselho do Apóstolo Paulo era que seu filho Timóteo devia fazer intercessões, isto é, pedidos em favor de outras pessoas. O cristão tem acesso ao Pai através de Jesus (Rm 5.2; Ef 2.18 e 3.12) e deve ajudar aos outros que estão perdidos. Por fim Timóteo deveria orar com ações de graças, ou seja, agradecimento por tudo que Deus já havia feito. A oração certa não pensa em si só, mas é feita em favor de outros. Paulo exortava que as orações fossem feitas em favor de todos, e especificamente em favor das autoridades, a fim de que todos vivessem uma “vida mais tranquila” (2.1-2).

Num contexto mais próximo à propositura deste paper está o assunto do início do capítulo 3 quando vemos que na instrução para combater erro doutrinário em Éfeso, Paulo inclui ensinamento sobre os presbíteros. É o plano de Deus que cada igreja local eleja presbíteros qualificados (At 14.23; Fl 1.1; Tt 1.5). Paulo não oferece a Timóteo sugestões para esta escolha, mas dá as devidas qualificações para o exercício desse ofício, dizendo que “é necessário, portanto, que o Presbítero seja...” (3.2). Portanto, quem não tiver todas estas qualidades reveladas por Deus não deve ocupar tal ofício na igreja de Cristo Jesus.

Tratando das qualificações dos bispos ou presbíteros (3.1-7) Paulo utiliza-se das palavras “episcopado” (3.1) e “bispo” (3.2) traduzem uma só palavra grega (episkopos) que quer dizer “supervisionar” ou “pastorear”. Na Bíblia, bispos também são chamados de “presbíteros” ou “anciãos”, e sua função é a obra de pastorear o rebanho de Deus (At 20.17-28). Logo, as palavras “pastor”, “bispo”, e “presbítero” descrevem o mesmo ofício, e a distinção feita entre elas por homens não tem base bíblica. Assim, o que é necessário para ser bispo é necessário também para ser pastor ou presbítero.

Como elucidado por Paulo a Timóteo as qualificações do presbítero ressaltam seu caráter provado como servo fiel a Deus, e nada têm a ver com posição social ou grau de escolaridade. Olhando para todas as qualificações juntas, tiramos algumas observações gerais para o exercício do presbiterato: Deve ser irrepreensível (3.2) a palavra “irrepreensível” fala da necessidade do presbítero ser reconhecido por seu bom comportamento e domínio próprio. Veja como as outras qualificações descrevem esta qualidade: “temperante”, “sóbrio”, “modesto” (3.2); “não dado ao vinho”, “não violento”, “inimigo de contendas”, “não

avarento” (3.3); tendo “bom testemunho dos de fora” (3.7). Deve ser fiel em casa (3.2, 4-5): “esposo de uma só mulher” (3.2), como quem governa “bem a própria casa” (3.4-5), pois se os filhos o obedecem com respeito, isto mostra sua capacidade como líder e disciplinador, a qual será necessário para lidar com “crianças espirituais” na igreja (I Pe 2.1-2).

Na sequência imediata ao Ensino de Paulo à Timóteo quanto aos presbíteros da igreja estão as orientações dadas a respeito dos **Diáconos**, suas qualificações e dinâmica de serviço. Como bem pontuou D. A. Carson [Et Alii]:

Os requisitos para os diáconos têm um estreito paralelo à secção dos bispos. O que significa boa reputação? (V. 13) seu testemunho à vista da comunidade cristã, a vista dos de fora ou a vista de Deus? Destes, o último parece o mais adequado, não no sentido de prever a futura promoção, mas a influência. Isso se encaixa melhor com referência à sua certeza de fé. (CARSON, 2003, p. 895).

Vê-se tratar de qualificações similares para os presbíteros e diáconos. Ambos os ofícios requerem um elevado padrão de qualificações, sem os quais torna-se inviável a eleição e ordenação de um oficial da igreja de Cristo. Antes, ainda de se concentrar sobre o versículo 13 do capítulo 3 de 1 Timóteo que é o objetivo principal desse paper, todavia, cumpre compreender a instituição e qualificações requeridas dos diáconos que assumirão seu ofício no serviço do Reino.

## A INSTITUIÇÃO E QUALIFICAÇÃO DOS DIÁCONOS

Já tendo discorrido no tópico anterior o assunto que faz referência às qualificações gerais requeridas da liderança da igreja em especial do presbítero, antes mesmo de uma abordagem quanto ao assunto principal estudado aqui, a saber, as promessas aos desempenham bem o diaconato, pretende-se compreender com maior intensidade o Texto de 1 Tm 3.8-16 quando Paulo instrui a Timóteo acerca dos diáconos (3.8-13).

Depois de falar das qualidades necessárias para um homem ser presbítero (3.1-7), o apóstolo Paulo também fala das qualificações para os diáconos. Nesse sentido vemos que Diácono traduz a palavra grega “diakonos”, que descreve um servo em relação a seu trabalho. Embora todos os cristãos devem servir a Deus (Rm 6.22-23) e uns aos outros (Mc 10.42-45), o diácono é um servo com um trabalho definido para fazer na igreja (veja At 6.1-5 como exemplo deste tipo de serviço). Barclay sintetiza a função dos Diáconos da seguinte maneira:

Na Igreja primitiva a função de diáconos é principalmente específica dirigida ao serviço prático. A igreja cristã herdou uma magnífica organização de caridade dos judeus. Não houve qualquer outra nação a ter um sentimento de responsabilidade comparável para com os pobres irmãos e irmãs. A sinagoga tinha uma organização estável para ajudar essas pessoas. Judeus ao invés desanimar os indivíduos eles incentivavam a que fosse dado um auxílio individual. Eles preferiam que o auxílio fosse dado pela comunidade e, especialmente, pela sinagoga. (BARCLAY, s/d, p. 36).

Paulo utiliza-se de um termo no início do verso 8, tratando agora do ofício do diaconato, que traduzido é “**semelhantemente**”, dando a compreensão de que o diácono, assim como o presbítero, deve ser alguém aprovado por Deus (3.8). Interessante notar que Paulo não trata dos dois ofícios como se um tivesse alguma preeminência sobre o outro. Quando se requer uma conduta cristã exemplar exige-se tanto daquele que exerce

o ofício de Presbítero quanto aquele que exerce o ofício de Diácono uma postura de irrepreensibilidade. Segundo Matthew Henry:

Diáconos foram nomeados primeiro para distribuir caridade à igreja e gerir os seus interesses, embora houvesse entre eles pastores e evangelistas. Diáconos foram responsabilizados de uma tarefa importante. Os homens devem ser sério, responsável, cautelosos. Não é bom que a confiança do público seja colocada nas mãos de qualquer pessoa até que sejam considerados adequados para o negócio que será confiado. – Tudo o que se relaciona com o ministro deve tomar muito cuidado para caminhar como convém ao evangelho de Cristo. (HENRY, s/d, p. 40).

Timóteo recebe as seguintes diretrizes do Apóstolo Paulo: Estas são as qualidades necessárias para ser um Diácono na igreja do Senhor: “respeitável” (3.8) o diácono vai servir, e assim deve ser alguém cujo caráter como servo de Deus é notável pelo seu comportamento sério e pela confiança que os outros têm nele. “de uma só palavra” (3.8): o diácono deve ser convicto e honesto, e não alguém que muda sua opinião e sua palavra de acordo com a situação no que trabalha (Ef 4.11-16). “não inclinados a muito vinho” (3.8): o diácono precisa tomar decisões no seu serviço, e quem bebe logo perde a capacidade para reto juízo (Pv 31.4-5; Is 28.7).

O Diácono, segundo as instruções do Apóstolo Paulo a Timóteo não pode viver com cobiça - “não cobiçosos de sórdida ganância” (3.8) - O Ofício do diácono quase sempre o coloca em contato com o dinheiro da igreja, e ele deve ser alguém que não cairá na tentação da riqueza ilícita. Por isso é exigido do oficial que este viva “conservando o mistério da fé com a consciência limpa”(3.9). Paulo refere ao evangelho como “o mistério da fé” (Ef 3.3-5. 1.9-10).

Para o Apóstolo Paulo o Diácono deve ser alguém que tem a consciência limpa com respeito ao evangelho, ou seja, um servo fiel de acordo com a palavra de Cristo (I Co 4.1-2). Devem ser ainda “primeiramente experimentados” (3.10): o diácono deve ser aprovado antes de assumir seu ofício, não depois. Provados em casa (3.11-12): quem vai servir na igreja (“a casa de Deus” – 3.5, 15) deve ser alguém que já provou seu serviço na sua própria casa. Um homem (“marido” é só homem) deve ser escolhido como diácono somente se ele é fiel à esposa e se a esposa e os filhos são fiéis a ele. Ser marido e pai é um serviço adequado para provar o caráter do homem de Deus (Ef 5.22-6:4).

O bom serviço do diácono resulta em ainda mais confiança e respeito dos outros e no crescimento espiritual do diácono (3.13) assunto este que será tratado mais concentradamente adiante. O Diácono exerce seu ofício na casa de Deus (3.14-16). A igreja, sendo a casa de Deus, deve apoiar e promover a verdade DELE. Por isso o Diácono deve ser um modelo de vida cristã, pois, muito do caráter da Igreja local pode ser manifestado por meio do reflexo do caráter dos seus oficiais presbíteros e diáconos. Quanto aos Diáconos Lopes declara:

O diácono é um homem recompensado por Deus (1Tm 3.13). “*Pois os que desempenharem bem o diaconato alcançam para si mesmos justa preeminência e muita intrepidez na fé em Cristo Jesus*”. Jesus foi o diácono por excelência. Ele não veio para ser servido, mas para servir. Nunca somos tão grandes como quando servimos. No reino de Deus maior é o que serve. No reino de Deus quem tem preeminência não são aqueles que os homens exaltam, mas aqueles a quem Deus enaltece. (LOPES, Hernandes Dias – mensagem extraída da internet. No site: herndesdiaslopes.com.br -acesso: 03/12/15).

Como análise do contexto pós-textual temos a vontade de Paulo que Timóteo e os novos oficiais que elegessem se tornassem um “padrão dos fiéis”. Em 1 Tm 4.1-16 vemo-lo assegurando à Timóteo que algumas pessoas se afastarão da fé (4.1-5). Quando o apóstolo Paulo partiu da Ásia pela última vez, ele severamente avisou os presbíteros de Éfeso sobre “lobos vorazes” e “homens falando coisas pervertidas” que se levantariam no meio deles (At 20.17, 29-30). Na sua carta enviada a Timóteo em Éfeso (1.3), Paulo novamente avisa pelo Espírito que “alguns apostatarão da fé” (4.1). Este desvio da fé seria o resultado de obediência a “espíritos enganadores e a ensinos de demônios”. Timóteo e os novos oficiais devem estar atentos a essa verdade.

Os líderes da igreja precisam estar constantemente combatendo qualquer ameaça de Heresia, pois, conforme instruiu o Apóstolo Paulo, pessoas encantadas pelas mentiras de falsa doutrina agem contra a sua própria consciência (4.2) e fazem coisas que os “que conhecem plenamente a verdade” jamais devem fazer (4.3-5). Por esta razão Timóteo e os Líderes devem “Ordenar e ensinar estas coisas” (4.6-11). Para que as pessoas não caiam no erro, é necessário que homens fiéis como Timóteo ensinem cada vez mais “as palavras da fé e da boa doutrina” que eles mesmos praticam (4.6) e que rejeitem as “fábulas profanas” que são as tradições de homens tolos (4.7; 1.4).

Paulo argumenta que os Presbíteros e Diáconos estarão constantemente envolvidos no Ensino da Verdade, pois, o ensinamento da verdade dará aos homens o que é necessário para a prática espiritual. Assim como é necessário o exercício físico para manter o corpo em boa forma, também é necessário exercitar a alma “na piedade” (4.7). Este exercício espiritual é mais proveitoso do que o físico, pois prepara pessoas para terem a força de lutar e se esforçar na esperança da salvação (4.9-10). Jesus morreu para salvar a todos, conforme a vontade de Deus (2.3-6). Porém, a esperança desta salvação é somente para os fiéis (4.10). Muitos se desviam e perdem a salvação porque não se exercitam na prática da verdade, e assim estão fracos e facilmente enganados quando a falsa doutrina surge.

Por isso, Timóteo, Presbíteros e Diáconos devem ser “modelos”. “Torna-te padrão dos fiéis” (4.12-16). Paulo não queria que a juventude de Timóteo impedisse a sua eficácia como pregador da palavra de Deus. Afinal, o que faz de um servo de Cristo um bom ministro não é a sua idade ou formação teológica, e sim a sua fidelidade para com a palavra a ele conferida (4.12-13,16). O servo de Cristo precisa se dedicar diligentemente para mostrar o “padrão” da vida cristã na sua própria vida (4.12) e para exortar e ensinar a outros (4.13-15). Sem dar o esforço necessário para estudar e viver verdadeiramente a palavra do Senhor, muitos que se chamam “ministros” de Deus levam pessoas à destruição eterna. O resultado, porém, da prática e do ensino fiel da doutrina de Cristo é a salvação de todos que a obedecem (4.16).

Já abordamos até aqui as qualificações de um Líder na Igreja de Cristo Jesus. Entendemos que para ser um Presbítero ou Diácono haverá um preço de renúncia e entrega além da necessidade de uma vida exemplar para os que são de dentro e para os que são de fora. Dessa forma nos preparamos para compreender o verso treze do capítulo três da primeira epístola de Paulo a Timóteo como segue:

*1Tm 3.13 – “Pois os que desempenharem bem o diaconato alcançam para si mesmos justa preeminência e muita intrepidez na fé em Cristo Jesus.”*

## PROMESSAS ÀQUELES QUE DESEMPENHAREM BEM O DIACONATO

Numa primeira reflexão sobre o assunto faz-se preciso perceber a dinâmica da importância do Diácono para a igreja contemporânea. Uma contribuição singular para responder a essa questão encontramos em Héber Carlos de Campos quando afirma:

A função do ofício diaconal não é bem vista na igreja contemporânea, pelo exercício indevido do ofício. Muitos diáconos não sabem realmente qual é o seu real papel no corpo de Cristo, como diáconos oficiais. Às vezes, a função deles é deixada em segundo plano, como sem muita importância, pois os necessitados não são muitos em algumas igrejas. Então, há até certo desprezo a esse ofício, como se fosse de segunda categoria. Mas não é essa a visão que a Escritura tem do ofício diaconal. (CAMPOS, 2015, p. 46).

Nesse sentido o mau desempenho do ofício diaconal é um forte elemento na desvalorização do Diácono no contexto eclesial, pois, ao deixar de lado algumas tarefas indispensáveis ao bom funcionamento da igreja, tais diáconos, evidenciam por meio de seus maus hábitos uma avaliação equivocada sobre o ofício a que foram ordenados. Alguns diáconos, como já elucidado anteriormente, sequer tem noção clara de sua tarefa ou quando a tem não tratam, até nas mínimas atribuições do seu ofício, com o devido valor que elas exigem.

Encontramos nas Escrituras duas preciosas promessas para aqueles que desempenham bem a sua função diaconal. Tais promessas servem como estímulo aos Diáconos bem como para uma visão de maior valoração do ofício diaconal por parte da igreja:

### 1) ALCANÇAM PARA SI MESMOS JUSTA PREEMINÊNCIA

O fato de estar prometido “uma justa preeminência aos Diáconos que desempenham bem o seu ofício” não sugere, nem de longe, que o Diácono ao trabalhar com dedicação e manter suas qualificações conforme requeridas pelas Escrituras já receberá uma “promoção” aos moldes contemporâneos. Bem ao contrário disso, “justa preeminência” tem significado muito mais espiritual do que humano. Para Campos:

Nunca você deve pensar que quando um diácono exerce bem o seu ofício, ele deve ser promovido para um ofício superior - presbítero. Aliás, não existe ofício superior, pois os ofícios tratam de ministérios distintos. Não existe hierarquia nos ofícios da igreja, seja na função ou em maior glória. Ambos devem ser bem exercidos. O verbo grego traduzido como “alcançam” é *peripoie,w* (peripoieo), pode significar *adquirir* alguma coisa bem maior que os relapsos no diaconato não adquirem, que a “justa preeminência”. A palavra grega para “preeminência” é *baqmoj* (bathmos). Essa palavra é muito interessante. “Ela significa um degrau e veio a significar um degrau acima de qualquer outro... ela poderia ser traduzida como um pedestal ou uma plataforma elevada. O que se está dizendo é que, quando você serve bem como um diácono... você é colocado num pedestal.” (Idem, 2015, p. 46,47).

Neste caso é mais razoável pensarmos que a promessa da “justa preeminência” estará melhor compreendida quando vemos o bom Diácono trazendo sobre si mesmo “mais peso de responsabilidade” do que uma “vantagem promocional” propriamente dita. Campos continua afirmando que:

Colocando em outras palavras, a expressão “alcançar justa preeminência” tem a

ver com o aumento de respeito e honra que um diácono recebe da igreja em virtude do bom exercício do diaconato. Se ele exerce bem o diaconato, servindo à igreja, à vista de Deus, certamente ele receberá o justo reconhecimento dela. (Ídem, 2015, p.47).

Concordando com Campos na reflexão supra ponderamos que a igreja de Cristo será, naturalmente, atraída por uma necessidade de reconhecer àqueles que desempenham bem seu ofício. Será improvável uma crítica “negativa” dirigida àquele que não se fez merecer dela. Pelo contrário, a medida que o oficial vai desenvolvendo seu ministério também vai conquistando uma autoridade interna que nasce a partir do seu caráter e de sua conduta. Sobre o mesmo verso discursa o comentarista Hendriksen:

O Apóstolo prossegue mostrando como sabe que os diáconos devem ser tudo isso. Ele está profundamente convencido disso, e não apenas por uma questão de revelação divina direta, mas também pela manifesta recompensa especial por meio da qual agrada a Deus coroar os esforços dos diáconos. (HENDRIKSEN, 2001, p. 170).

Quando o texto bíblico fala que é uma “justa” preeminência está direcionando a visão da igreja para a pessoa de Deus – que é Eternamente Justo – inclusive, o próprio oficial deve ter em mente que sua recompensa ou preeminência por seu bom desempenho na obra do Senhor será estabelecido de forma justa, isto é, na medida certa.

Cientes dessa distribuição “justa” da honra pelo bom desempenho do serviço confiado, cada Diácono, não sofrerá nenhum tipo de frustração por haver esperado com grande expectativa uma recompensa que não veio. Pelo contrário, o Diácono precisa lembrar-se, sempre, que a “justa preeminência” prometida vai além de uma dívida que deva ser paga à exigências humanas, mas sim, à maneira já estabelecida por Cristo Jesus:

Porventura, terá de agradecer ao servo porque este fez o que lhe havia ordenado? Assim também vós, depois de haverdes feito quanto vos foi ordenado, dizei: Somos servos inúteis, porque fizemos apenas o que devíamos fazer. (Lucas 17.9,10 ARA).

Vê-se, portanto, que ainda que o Diácono não devesse esperar nenhuma retribuição pelo seu serviço, contudo, agradou ao Senhor estabelecer uma promessa que traga esperança àqueles que estão comprometidos com o serviço do Reino. Quanto a questão da promessa de “justa preeminência” prometida aos que desempenham bem o seu diaconato encontramos ainda a contribuição de Hendriksen que afirma:

Isto é ao mesmo tempo um *incentivo* para os diáconos, de modo que possam trabalhar fielmente. Não é antibíblico falar de tais incentivos. É antibíblico não reconhecê-los (Mt 19.29; 2Tm 4.7, 8; Hb 12.2; Ap 2.7, 10, 17, 26-29; 3.5,12,13,21,22,etc.). Esperar uma recompensa de modo algum é pecaminoso, sempre que alguém tem planos de usar essa recompensa para a glória de Deus e para um serviço ainda maior (se é possível) em seu reino. (HENDRIKSEN, 2001, p.170)

Consequentemente, a recompensa proposta aos que desempenham bem o seu diaconato tem uma ligação estreita com a promoção da Glória de Deus na terra. Isto posto, cada vez que os crentes servem ao Senhor de maneira dedicada e zelosa causam uma admiração aos que estão a sua volta de forma que podem fazê-los desejar conhecer o Senhor desse servo.

Cabe nessa reflexão, ainda, uma consideração da promessa de “justa preeminência e muita intrepidez na fé em Cristo Jesus” esboçada por Paulo a Timóteo se trata apenas dos diáconos como oficiais ou se pode ser alargado o sentido do termo original “diakonéw” como

a todos os demais servos citados no contexto de 1Tm 3 ou ainda mais largamente pensar em todos os que servem na igreja de Cristo Jesus. Auxiliando nessa resposta encontra-se Hendriksen afirmando que:

É plenamente correto e natural considerar a recompensa que aqui se promete como pertencente *aos diáconos e a seus auxiliares*. O apóstolo esteve falando *deles*, e de ninguém mais, nos versículos 8-12. Além do mais, a conexão é muito estreita, havendo-a introduzido com a palavra “porque”. Portanto, não é aceitável dizer que Paulo ainda está pensando *nos bispos*, dos quais se fala no versículo 1, e que os inclui na recompensa prometida aqui. Por certo que esses bispos também recebem um incentivo, a saber: o incentivo baseado no glorioso caráter de sua tarefa (ver v. 1). (Ídem, 2001, p. 171).

Nessa direção pode-se deduzir que uma pequena variação na tradução do termo original “*diakonéw*” faria uma grande diferença na compreensão dos que são, de fato, alcançados pela promessa oriunda do versículo 13 de 1Tm 3. Considerando, então, que uma das possibilidades de tradução do verso possa ser: *Pois os que “desempenharem bem” ou “tem servido bem”, antes de, “desempenharem bem o diaconato”,* dessa forma, estarão inclusos os Presbíteros, os Diáconos e os auxiliares destes. Como bem assegura Hendriksen:

Podemos ainda avançar mais e admitir que a bênção contida no versículo 13 realmente será desfrutada pelos presbíteros, como também o será pelos diáconos e seus assistentes. E provavelmente devemos aceitar como correta a posição de que o primeiro verbo usado no original aqui no versículo 13 (cf. v. 10) não deve traduzir-se “têm servido [bem] como diáconos”, mas simplesmente “tem servido [bem]”. (Ídem, 2001, p. 171).

Até porque, segundo o mesmo autor, numa explicação de seu postulado supra em Nota de Rodapé faz as seguintes justificativas:

Em lugar algum do Novo Testamento *diakonéw* significa servir como diácono. Significa servir, ministrar, cuidar das necessidades de alguém (Mt 20.28; Mc 10.45; Lc 10.40; 22.26,27; Jo 12.2; 2Tm 1.18 1Pe 4.11; etc.) ou, suprir ministrando (1Pe 1.12; 4.10). O mero fato de que Paulo esteve falando de diáconos dificilmente seria suficiente para atribuir ao verbo o sentido técnico que não tem em outros lugares da Escritura. (Ídem, 2001, p. 171).

São de fato muito proveitosas as considerações feitas por Hendriksen sobre os termos originais para uma melhor compreensão da promessa proferida; conquanto se aceite, pacificamente, como verdadeira a tradução da forma que se encontra no vernáculo nas distintas versões pode-se inferir sem cometimento de pecado que a proposta paulina possa ter sido muito mais abrangente. Hendriksen continua afirmando que:

Mas ainda que todas as coisas pudessem ser admitidas sem reserva, segue sendo verdadeiro que nessa passagem o apóstolo, com toda probabilidade, está falando das pessoas mencionadas no contexto imediatamente precedente (vv. 8-12). No versículo 1 assinalou-se o incentivo aos presbíteros: sua *tarefa* é gloriosa. O versículo 13 então acrescenta o incentivo aos diáconos: sua *recompensa* é rica. Que ninguém se deixe desviar pelo fato de que a tarefa dos diáconos é *servir*, e não *governar* (como a dos presbíteros) e comece a pensar levemente sobre eles e seu ofício. (Ídem, 2001, p. 171).

Uma pequena variação da compreensão dos ofícios de Presbítero e Diácono, das qualificações exigidas para cada ofício, das atribuições específicas de cada ofício, bem como, das recompensas prometidas aos dois ofícios seriam suficientes para trazer sobre a Igreja de Cristo Jesus muitos descontentamentos, conflitos e desorganização. Glórias

sejam dadas ao Senhor para todo o Sempre por Sua Palavra e pela direção que ela traz para todo o propósito debaixo do céu.

Tendo já intensificado as considerações com a primeira parte da promessa feita em 1Tm 3.13, isto é, a “justa preeminência” prometida aos que desempenham bem o diaconato, passa-se agora, a considerar a segunda parte da mesma promessa, a saber, a “muita intrepidez na fé em Cristo Jesus”.

## 2) ALCANÇAM PARA SI MESMOS MUITA INTREPIDEZ NA FÉ EM CRISTO.

Esta segunda sentença da promessa, isto é, “a muita intrepidez na fé em Cristo Jesus” carece de uma concentrada atenção e explicação como se pretende a partir de então. Pois tem ficado pacificado o entendimento de que os que servem bem no oficialato são merecedores de honra por parte da igreja além de honras espirituais prometidas nas Escrituras Sagradas.

Aqueles que estão servindo a Igreja de Cristo podem, perfeitamente, viver numa perspectiva de que desempenharam seu trabalho e de modo digno, logo, alcançam uma reputação de evidência no meio dos seus irmãos, preeminência esta, que devem esforçar-se para preservá-la. Hendriksen convoca à reflexão de que a “muita intrepidez na fé em Cristo Jesus” como uma promessa, está remontando a promessa de “justa preeminência” como se pode inferir a seguir:

Tenha-se em mente que aqueles diáconos que têm servido bem adquirem para si uma nobre *posição*. A igreja terá deles um alto conceito, porque executaram suas tarefas de uma maneira digna. (Ídem, 2001, p. 171).

Perceba-se pelas afirmações supra que a “nobre posição” onde estará, seguramente, o oficial que serve com todo empenho vai progredindo para uma visão de “alto conceito” por parte da igreja até que uma convicção forte e intrínseca no oficial o permita estar em paz com suas dotações e atribuições de servir a igreja de Cristo. Até porque uma intrepidez na fé em Cristo não é algo a ser descoberto do dia para a noite senão de um penoso processo que pode perdurar toda uma vida como bem comentou Hendriksen:

De passagem, digamos que a palavra traduzida por *posição* tem como sentido básico *um degrau*, como de uma escada. Posto que essa escada com seus degraus podia ser usada para medir a sombra do sol, ver 2 Reis 20.9-11 na LXX, o significado degrau – cf. os “*graus*” no relógio de sol – não é estranho. Daqui se chega facilmente ao sentido figurado *grau, hierarquia, posição*. (Ídem, 2001, p. 171).

O que está implicado na terminologia da promessa de “justa preeminência e muita intrepidez na fé” tem ligação com o estilo de elevação de nível da carreira militar. Tanto quanto um soldado ao ingressar numa das forças militares instituídas em sua nação ele, primariamente, pretende cumprir bem sua missão para a qual se alistou ou concursou. Entretanto, ao passar os dias, meses e anos, sua conduta vai sendo observada pela sua corporação de forma que, se exerce com empenho o seu trabalho, não lhe faltará a oportunidade de uma promoção ou ascensão à níveis mais altos da carreira. Ao passo que avança na carreira o militar adquire intrepidez em sua voz de comando. Numa abordagem semelhante temos as considerações de França quando diz:

“Os que desempenharem bem alcançam para si mesmos justa preeminência e muita intrepidez” – Primeiramente entendemos que é possível não haver um bom desempenho no exercício do oficialato. Por outro lado pelo bom desempenho no exercício o diácono alcançaria preeminência, palavra que significa degrau. Era aplicada aos graus de promoção do exército. Aqui significa influência moral e eclesial no ofício. (FRANÇA, Rev. Nelson – Mensagem: O Diaconato – site: <http://www.ipbvila-gerti.org.br> – acesso em 03/12/15)

Veja que os “degraus” no servir bem e os “graus” ou a “posição” de preeminência e intrepidez tem uma relação muito íntima. Até se pode afirmar que a ordem inversa também é verdadeira, isto é, não apenas os degraus do serviço bem executado vão permitindo um grau mais elevado na fé em Cristo, mas, também, a evolução da fé em Cristo vai favorecendo um serviço cada dia mais excelente. Destacando as observações de Hendriksen, quando diz que:

Além do mais, a própria consciência do fato de que, com o auxílio de Deus, ele fez o melhor que pôde, de modo que não é castigado pela angústia da consciência, dará ao diácono grande *confiança*. (HENDRIKSEN, 2001, p. 171).

Com uma elevada convicção de fé em Cristo o Diácono não conseguirá reter para si as ricas verdades do Evangelho. Ao servir de maneira dedicada às mesas, isto é, ao ministrar sobre as necessidades físicas e sociais das pessoas, segundo essa promessa, ele se sentirá incomodado pela percepção de que muitas famílias estão carentes muito mais do que do alimento material, mas sim, carecem também do verdadeiro alimento espiritual, por isso, passam à ministrar As Escrituras de modo ousado. Como afirmado pelo Dr. Rev. Héber Carlos de Campos:

A *intrepidez* tem a ver com a pregação do Evangelho. Como apóstolo, Pedro teve o mesmo tipo de intrepidez (cf. At 4.13); a mesma intrepidez (ousadia) teve Paulo na comunicação do evangelho. Os diáconos que “desempenham bem” a sua função se tornam homens corajosos. Certamente este foi o caso de Estevão que, intrepidamente, testificou de Jesus mesmo em face da morte. (CAMPOS, 2015, p. 47)

A razão pela qual, mesmo em meio às duras e cruéis perseguições que sofreram e sofrem os servos de Cristo, muitos permanecem corajosos no seu labor tem uma profunda relação com as promessas emanadas desse texto de Paulo a Timóteo.

Quando algum servo de Cristo vai se aperfeiçoando no seu trabalho, dedicando-se de modo peculiar, quando sua renúncia se faz notória, todos a sua volta são contagiados pela sua intrepidez em servir ao Senhor ainda que por meio da adversidade. Servos assim conquistam profunda admiração da igreja, e, quando sabem conduzir bem esse processo sem deixar-se perder pela vangloria ou orgulho, então, certamente, trata-se de um servo que está prosperando da fé em Cristo Jesus. Para Hendriksen:

Essa confiança tem referência à fé (sentido objetivo aqui) centrada em Cristo Jesus. É a respeito dele que o diácono livre e alegremente testificará. (HENDRIKSEN, 2001, p. 171).

Héber Carlos de Campos pontua o fato de a Intrepidez na fé prometida no texto de 1 Timóteo 3.13 estar vinculada fortemente com a pregação pública do Evangelho de Cristo Jesus, bem como, com todas as possibilidades de testemunho da fé, pois, em situações análogas no Novo Testamento pode-se perceber a expressão “intrepidez” sendo utilizada para o fato do servo de Cristo estar envolvido de modo ousado na pregação da Palavra ou no testemunhar da sua fé em Cristo Jesus. Para Campos:

A intrepidez na fé tem a ver com o testemunho público (ou mesmo particular) sem o temor das consequências da expressão aberta da sua fé em Cristo. Por causa dessa intrepidez, muitos, no final dos tempos, haverão de ser perseguidos. Essa é uma promessa de Jesus aos intrépidos na fé.

Um aspecto importante deste verso em estudo aponta para o fato da função do diácono não ser unicamente o tratamento das dificuldades físicas das pessoas, mas a promessa de que eles seriam pregadores de sua própria fé em Cristo. Nem todo diácono é um pregador no estilo formal, mas ele pode perfeitamente ser corajoso no espalhamento de sua fé no Senhor. (CAMPOS, 2015, p. 47).

Portanto, a promessa de “intrepidez na fé” esboçada por Paulo a Timóteo quando se refere aos oficiais da igreja vai muito além de uma ideia de “bônus” ou prêmio conquistado por um esforço na obra do Senhor. Percebemos tratar-se de maior responsabilidade, isto é, aquele que desempenha bem o seu ministério receberá maiores atribuições.

Concordando com as postulações de Campos encontramos em Granconato uma percepção muito útil quanto à promessa àqueles que desempenham bem o diaconato. Veja como ele explica o texto de 1 Tm 3.13:

Finalmente, é bom observar que, ao concluir sua lista de qualificações, o apóstolo Paulo aponta dois resultados do bom desempenho do diaconato: “Justa preeminência” e “muita intrepidez na fé” (1Tm 3.13). O primeiro significa que o bom diácono se tornará um homem de influência e granjeará o respeito da comunidade em que ministra; o segundo significa que desenvolverá coragem e confiança tanto para anunciar o evangelho (At 7.51-60) como para se aproximar de Deus em profunda comunhão (Ef 3.12). Eis aí o perfil dos homens de Deus usados para o serviço do seu povo. Como eles estão em falta! (GRANCONATO, Pr. Marcos - Igreja Batista Redenção. Mensagem: Precisa-se de Diácono. Extraída do site: <http://www.igreja-redencao.org.br> – acesso em 03/12/15).

A Intrepidez na fé, então, é uma ousadia para ser um Arauto de Cristo Jesus. No mesmo compasso que o servo de Cristo vai se desenvolvendo na maturidade cristã ele vai tendo cada vez mais autoridade de comunicar as verdades do seu Senhor. Essa autoridade que vai fluindo do caráter e do testemunho desse servo permitirão, sintomaticamente, que o mesmo tenha a intrepidez necessária para as mais difíceis situações de necessidade da pregação do Evangelho.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em última consideração cabe apenas ponderar sobre o grande desafio que é o sentir-se dotado e atraído ao oficialato cristão. Quem almejar uma tarefa no presbiterato ou diaconato da igreja de Cristo Jesus precisa ter consciência de que é uma “excelente obra almejada”, contudo, deve estar seguro, também, das qualificações exigidas para tais funções e conferir se é o caso de encontrar-se dotado para assumir seu ofício. Concordando com Campos:

Se você quiser ser diácono, veja se você se assegura de que satisfaz, em alguma medida, as qualificações dotacionais que a Escritura menciona. A eleição para o diaconato não é uma questão de competição de popularidade, mas de dotação espiritual. Não se trata da escolha de quem gosta mais de quem, mas de verificação do dom de serviço que um diácono deve ter. Se você quer ser diácono, prime pelas qualidades morais e espirituais que a Escritura prescreve. Zele pela sua teologia e por sua ética. É *improdutivo* fazer um serviço diaconal sem as qualificações dotacionais, e é *temerário* você fazer o serviço diaconal sem as qualificações morais e espirituais. Se você quer ser um bom diácono, veja se você desempenha bem o seu

ministério. Precisamos começar bem em nossa igreja. Portanto, temos que zelar pelo bom andamento da igreja no começo, para não ter que consertar posteriormente, o que é mais difícil. (CAMPOS, 2015, p. 48).

A advertência feita é, sobretudo, uma questão extremamente séria por tratar-se do governo, da ordem e da assistência aos santos no seio da Igreja do Nosso Senhor Jesus Cristo. Considerar essa premissa é fundamental para a saúde da igreja. Uma igreja com uma liderança consistente será, necessariamente, consistente também.

## REFERÊNCIAS

BARCLAY, William. **Comentário Al Nuevo Testamento. Tomo 12. Las Cartas a Timoteo, Tito y Filemón.** Versão PDF, s/ed, s/l, s/d.

CAMPOS, Héber Carlos de. **Apostila Própria Utilizada Minистраção Disciplina: Eclesiologia Reformada** – Centro Presbiteriano Andrew Jumper/Mackenzie de 23 a 27/11/2015. São Paulo – SP.

CARSON, D. A. Et Alii, **Nuevo Comentario Biblico Siglo Veintiuno – Nuevo Testamento.** Versão PDF. Editorial Mundo Hispano, s/l, 2003.

FRANÇA, Rev. Nelson – **Mensagem: O Diaconato** – site: <http://www.ipbvilagerti.org.br> – acesso em 03/12/2015.

GRANCONATO, Marcos - Igreja Batista Redenção. **Mensagem: Precisa-se de Diácono.** Extraída do site: <http://www.igrejaredencao.org.br> – acesso em 03/12/2015.

HENDRIKSEN, William. **Comentário do Novo Testamento: 1 Timóteo, 2 Timóteo e Tito.** Editora Cultura Cristã: São Paulo – SP, 2001.

HENRY, Matthew. **Comentário do Novo Testamento.** Versão PDF. s/ed, s/l, s/d. 1 Timóteo.

LOPES, Hernandes Dias. **Palavra da Verdade: As qualificações Bíblicas do Diácono.** mensagem extraída da internet. No site: [hernandesdiaslopes.com.br](http://hernandesdiaslopes.com.br) – acesso em 03/12/2015.

---

## Organizador

## **Adriano Mesquita Soares**

Doutor em Engenharia de Produção pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR/PG, linha pesquisa em Gestão do Conhecimento e Inovação e Grupo de pesquisa em Gestão da Transferência de Tecnologia (GTT). Possui MBA em Gestão Financeira e Controladoria pelo Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais onde se graduou em Administração de Empresas (2008). É professor no ensino superior, ministrando aulas no curso de Administração da Faculdade Sagrada Família – FASF. É editor chefe na AYA Editora.

# Índice Remissivo

## A

análise comparativa 9  
análise crítica 34  
aprimoramento 23, 25

## B

bíblico 47, 48, 54  
busca espiritual 34

## C

capacitação 47  
ciência 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32  
científicos 24, 25, 27, 28  
conceitos históricos 24, 25  
conceitos teológicos 35  
conselhos 47, 48  
contemporaneidade 23, 24, 25, 29, 30, 31  
cristã 13, 19, 23, 24, 25, 27, 30, 31, 32  
cristão 47, 49, 58  
cristianismo 24, 27, 29, 30, 31, 32, 34, 37, 40  
Cristo 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59  
curiosidades 10, 15

## D

desenvolvimento 23, 24, 25, 26, 27, 29, 48  
Deus 11, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 27, 28, 29, 30, 32, 33,  
34, 35, 36, 37, 38, 39, 43, 44, 45  
diaconato 47, 48, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58  
discípulo 47  
disputas ideológicas 34  
diversidade 34, 39, 40, 43

## E

eclesiológica 47, 48  
eclesiológicas 47

---

eclesiológicos 47  
ensino 47, 52  
epístola 47, 48, 49, 52  
espiritualidade 34, 39, 40, 42, 43  
espiritualista 34

## F

fé 19, 27, 30, 32, 34, 35, 36, 37, 42, 43, 44, 45, 46  
filosóficos 24  
física 14, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32  
foco 47  
fronteiras temporais 34

## H

hipótese principal 9

## I

intrepidez 47, 48, 51, 52, 54, 56, 57, 58  
investigação 9, 10

## J

Jesus 47, 48, 49, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59

## M

mansidão 9, 11, 12, 14, 15, 17, 21  
matrizes religiosas 34  
ministério 48, 54, 58, 59  
Moisés bíblico 9, 10, 11, 15, 17, 18, 21

## P

personagem 10, 15, 16

---

perspectiva cristã 23  
pesquisa 47, 48  
pesquisa bibliográfica 10  
prática 30, 34, 37, 39, 42, 43, 45  
práticas religiosas 35, 43  
preeminência 47, 48, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 58  
princípios 24, 25, 26, 27, 28, 30, 31, 34, 37, 39, 42, 43,  
45  
processo 11, 13, 23, 24, 30

## R

religião 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32  
religiosa 25, 26, 27, 34, 36, 37, 38, 41, 42, 43, 44, 45  
religioso 17, 23, 24, 25, 26, 27, 28  
religiosos 23, 24, 25, 27, 30, 31  
responsabilidade 5

## S

serviço 47, 48, 50, 51, 54, 57, 58  
sistema 5

## V

versículo 47, 50, 55  
visão cristã 23





**AYA EDITORA**  
**2024**